WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
GUERRA DAS TVs
COM RAIVA POR NÃO VER DIREITO A LIBERTADORES? CULPADOS NA PÁG. 36
VERMELHO PARA PELÉ
A ATUAÇÃO DO REI NA FINAL DE 70 AOS OLHOS DE UM TÍPICO JUIZ BRASILEIRO
VÁGNER LOVE
ELE VOLTOU POR AMOR. E SAUDADE DA CONCENTRAÇÃO
LUIS FABIANO VESTE A FAIXA DE CAPITÃO E GARANTE: COM ELE NO COMANDO, O SÃO PAULO TERÁ MAIS PEGADA
AGORA É
COMIGO
+
KLÉBER
O FUTEBOL DO GLADIADOR SEGUE EM ALTA. AS CONFUSÕES TAMBÉM
CABAÑAS
O DRAMA DO ASTRO QUE TENTA JOGAR COM UMA BALA NO CÉREBRO
SMS: PLACAR PARA: 80530
ED 1364 · MARÇO 2012 · R$ 10,00
ISSN 977-010417600-0
9 770104 176000 01364
Abril
SPFC

Chevrolet Cruze. **Chevrolet. Conte Comigo.**

SÉRGIO XAVIER FILHO / DIRETOR DE REDAÇÃO

Tá expulso!

É sempre difícil explicar a receita da PLACAR. É mais fácil fazê-la, por incrível que pareça. Uma boa edição leva ingredientes diferentes: precisa ter investigação, clareza, sagacidade e, principalmente, humor. Sim, ele é fundamental. Mesmo assuntos sérios podem e devem ser tratados com alguma graça. Um exemplo disso é a questão da arbitragem. A turma aqui na redação fica furiosa com o jeito como a juizada brasileira apita os jogos. Qualquer esbarrão é falta, qualquer falta é cartão.

Ricardo Teixeira: estertores de um reinado de 23 anos

Eles decidem as partidas, algumas vezes. Sim, mas vamos fazer um manifesto chato contra o intervencionismo nacional? Resolvemos fazer diferente, apresentar a questão de um jeito mais irônico. Pegamos um dos jogos mais emblemáticos de todos os tempos para ver como ele seria apitado hoje. Valesse a interpretação brasileira atual, Pelé teria sido expulso naquele Brasil 4 x 1 Itália. Já pensou? O juizão Gute Júnior encarando Pelé e dizendo "o senhor está expulso"?

Na linha "jornalismo surpreendente", uma reportagem chama atenção. O perdigueiro Tarso Araújo subiu a Rocinha para mostrar a ligação do tráfico com o futebol de favela. O relato não é convencional, na verdade, até surpreende. Tarso mostra o ponto de vista dos jogadores, vale conferir de perto.

A frase do título deste editorial cabe também para o Personagem do Mês, que você encontra na página 16. "Tá expulso!" se aplica a Ricardo Teixeira, o mandatário da Confederação Brasileira de Futebol. O império de 23 anos à frente da entidade vive seu final e isso, por si só, é bom demais. Como um próprio dirigente da Fifa nos disse certa ocasião sobre o Império Teixeira, "é muito tempo, é ruim para o futebol".

© FOTO MARCOS D'PAULA

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo, Victor Civita

Presidente Executivo Abril Mídia: Jairo Mendes Leal

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretor Digital: Manoel Lemos
Diretor Financeiro e Administrativo: Fábio d'Avila Carvalho
Diretora Geral de Publicidade: Thaís Chede Soares
Diretora de Recursos Humanos: Paula Traldi
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Claudia Giudice
Diretor de Núcleo: Sérgio Xavier Filho

Redator-chefe: Maurício Barros **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Designer:** L.E. Ratto **Editor:** Felipe Zylbersztajn **Repórter:** Breiller Pires **Revisão:** Renato Bacci **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor), Aldo Teixeira, Andre Luiz, Dorival Coelho, Marisa Tomas, Cristina Negreiros, Fernando Batista, Leandro Alves, Luciano Custódio, Marcelo Tavares, Marcos Medeiros, Mario Vianna e Rogério da Veiga **Colaboraram nesta edição:** Marcos Sergio Silva (editor de texto), Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Renato Pizzutto (fotógrafo), Gabriela Oliveira (designer) e Cacau Lamounier (designer)

www.placar.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS: Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Pesquisa e Inteligência de Mercado:** Andrea Costa **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcia Soter, Mariane Ortiz, Robson Monte **Executivos de Negócios:** Ana Paula Teixeira, Ana Paula Viegas, Caio Souza, Camila Folhas, Camilla Dell, Carla Andrade, Claudia Galdino, Cleide Gomes, Cristiano Persona, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fabio Santos, Jary Guimarães, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcio Bezerra, Marcus Vinicius, Maria Lucia Strotbek, Nilo Bastos, Regina Maurano, Renata Miolli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Susana Vieira, Tati Mendes **PUBLICIDADE DIGITAL: Diretor:** André Almeida **Gerente:** Virginia Any **Gerente de Estratégia Comercial:** Alexandra Mendonça **Executivos de Negócios:** André Bortolai, André Machado, Caio Moreira, Camila Barcellos, Carolina Lopes, Cinthia Curty, David Padula, Elaine Collaço, Fabíola Granja, Flavia Kannebley, Gabriel Souto, Guilherme Bruno de Luca, Guilherme Oliveira, Herbert Fernandes, Juliana Vicedomini, Laura Assis, Luciana Menezes, Rafael de Camargo Moreira, Renata Carvalho, Renata Simões **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Cristiano Rygaard, Edson Melo, Francisco Barbeiro Neto, Ivan Rizental, João Paulo Pizarro, Mauro Sannazzaro, Paulo Renato Simões, Ricardo Mariani, Sonia Paula, Vania Passolongo **Executivos de Negócios:** Adriano Freire, Ailze Cunha, Beatriz Ottino, Camila Jardim, Caroline Platilha, Catarina Lopes, Celia Pyramo, Clea Chies, Daniel Empinotti, Henri Marques, Ítalo Raimundo, José Castilho, José Rocha, Josi Lopes, Juliana Erthal, Julio Tortorello, Leda Costa, Luciene Lima, Pamela Berri Manica, Paola Dornelles, Ricardo Menin, Samara Sampaio de O. Reijnders **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Diretora:** Eliani Prado *Segmentos Dedicados* **Gerente:** Ana Paula Moreno **Executivos de Negócios:** Adriana Pinesi, Alexandre Neto, Catia Valese, Fabiana Mendes, Paula Perez, Regiane Ferraz, Tatiana Castro Pinho *Segmento Casa* **Gerente:** Marília Hindi **Executivas de Negócios:** Camila Roder, Cida Rogiero, Juliana Sales, Lucia Lopes, Marta Veloso, Pricilla Cordoba *Segmento Automotivo e Esportes:* Marcia Marini **Executivos de Negócios:** Maurício Ortiz, Rodolfo Tamer *Segmento Moda:* Nanci Garcia **Executivos de Negócios:** Kauê Lombardi, Michele Brito, Vanda Fernandes *Segmento Turismo:* Solange Custodio **Executiva de Negócios:** Zizi Mendonça **DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **INTEGRAÇÃO COMERCIAL Diretora:** Sandra Sampaio **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretora de Marketing:** Simone Sousa **Gerente de Marketing:** Tiago Afonso **Gerente de Núcleo:** Cinthia Obrecht **Gerente de Publicação:** Eduardo Dias **Analista de Publicações:** Carina Castro, Felipe Santana e Lissa Arakaki **Gerente de Eventos:** Evandro Abreu **Analista de Eventos:** Adriana Silva dos Santos **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Gina Trancoso **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** André Vasconcelos **Consultor:** Tales Bombicini **Processos:** Igor Assan, Sueli Aparecida e Renato Rosante **ASSINATURAS: Atendimento ao Cliente:** Clayton Dick **RECURSOS HUMANOS: Consultora:** Camila Morena

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 7º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Alfa, Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Delícias da Calu, Dicas Info, Publicações Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info, Lola, Loveteen, Manequim, Máxima, Men's Health, Minha Casa, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Runner's World, Saúde, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você RH, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1364 (ISSN 0104.1762), ano 42, março de 2012, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Conselho de Administração: Roberto Civita (Presidente), Giancarlo Civita (Vice-Presidente), Esmaré Weideman, Hein Brand, Victor Civita
Presidente Executivo: Fábio Colletti Barbosa
www.abril.com.br

EDIÇÃO 1364

MARÇO 2012

CAPA LUIS FABIANO © ALEXANDRE BATTIBUGLI **CAPA VÁGNER LOVE** © ANDREA MARQUES **CAPA KLÉBER** © EDISON VARA **CAPA DANILINHO** © EUGÊNIO SÁVIO
©1 EDISON VARA ©2 EUGÊNIO SÁVIO ©3 GABRIEL GABINO ©4 DIVULGAÇÃO ©5 ANDREA MARQUES ©6 ALEXANDRE BATTIBUGLI

VOZ DA GALERA

META O PAU, ELOGIE, FAÇA O QUE QUISER. MAS ESCREVA PARA *placar.abril@atleitor.com.br*

Espetacular a reportagem sobre Marcos. Me fez dar muitas gargalhadas e aumentar minha admiração por esse personagem único.

Andre Eguren *(andrecito_87@hotmail.com)*

Decadência mineira

Sou atleticano e confesso que fui um dos que reclamaram na época que a PLACAR fez a reportagem sobre a dívida do Galo com o Ricardo Guimarães. Essa matéria sobre o Perrella no Cruzeiro só me faz ficar mais desesperançoso com os dirigentes mineiros. Mesmo sendo atleticano, lamento que o Cruzeiro esteja nessa situação.

Jonathan Fausi *(jfausi@bol.com.br)*

Orgulho ferido

Sou uruguaio, torcedor e sócio do Danubio. Em fevereiro, fui abençoado com reportagens de patrícios: Lugano, Ghiggia e um dos que meu time ajudou a criar: Recoba, o desertor. Ele não foi dispensado pelo Danubio, como afirma. Ele abandonou o barco e foi para o Nacional.

Francisco Carlos Hiriart *(cehiriart@bol.com.br)*

Ranking da discórdia

Acho uma falta de bom senso um campeonato tão disputado como a série B do Brasileiro valer menos no ranking de PLACAR do que os "disputadíssimos" Mineiro e Gaúcho.

Marcelo Badaró *(marcelo_badaro@hotmail.com)*

Calma, Marcelo. O Ranking PLACAR estabelece critérios de pontuação que contemplam os torneios mais competitivos. E você há de concordar que o Mineiro e o Gaúcho estão entre eles, certo? Quanto à série B, o campeão quase sempre desce um degrau antes para conquistá-la. O título pode até ser comemorado, mas ninguém deve gostar de disputá-lo.

Olha o Twitter

@tocasanfoneiro Alô Miltão! Sua coluna ficou simplesmente show!
@jorjao13 Quero uma antena como a do Elenílson que saiu na @placar.
@Lucas_TeixeiraS "O homem mais irado da cidade" da @placar é uma das melhores partes da revista.
@mamede_filho Cruzeiro divulga nota OFICIAL sobre capa da @Placar só com justificativas do Perrella. Quem é o presidente do clube?

ERRATAS

PLACAR DE FEVEREIRO

Pág. 24 *O título de maior destaque de Túlio foi o Brasileiro de 1995.*
Pág. 40 *O Santos tem 19 Estaduais.*
Pág. 42 *O Bahia não foi campeão baiano de 1937. Dessa forma, o tricolor tem 164 pontos no Ranking PLACAR.*
Pág. 43 *Os títulos brasileiros da série B de 1991 e 2001 foram publicados incorretamente no quadro do Vitória. Eles foram conquistados pelo Paysandu. No quadro "Quem pontuou em 2011", o Corinthians aparece com 12 pontos pelo Brasileiro. O torneio equivale a 15 pontos.*

GUIA DOS ESTADUAIS

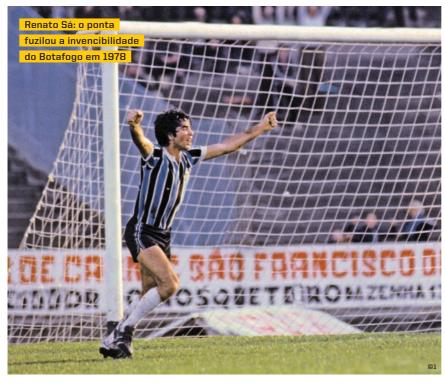
Pág. 66 *É Thiago Matias, e não Tiago Cardoso, quem aparece na foto.*
Tabela do Campeonato Gaúcho *Os grupos, na tabela de pontuação, estavam errados. No Grupo 1, estão Inter, Juventude, Lajeadense, Santa Cruz, São José (PA), São Luiz e Universidade. No Grupo 2, Avenida, Caxias, Cerâmica, Cruzeiro, Grêmio, Novo Hamburgo, Pelotas e Veranópolis.*
Tabela do Pernambucano Faltaram os escudos do Belo Jardim *(abaixo, à esq.)* e do Serra Talhada *(à dir.)*.

FALE COM A GENTE

Na internet www.placar.com.br **Atendimento ao leitor / Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 7º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) **/ Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br **/ Por fax:** (11) 3037-5597. As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). Não atendemos a pedidos de envio de pesquisas particulares sobre história do futebol, de camisas de clubes ou outros brindes. Não fornecemos telefones nem endereços pessoais de jogadores. Não publicamos fotos enviadas por leitores. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **Licenciamento de conteúdo:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **Trabalhe conosco:** www.abril.com.br/trabalheconosco

PLACAR RESPONDE AS DÚVIDAS MAIS CABELUDAS ENVIADAS PARA *placar.abril@atleitor.com.br*

Renato Sá: o ponta fuzilou a invencibilidade do Botafogo em 1978

©1

Apostei com meu primo que o recorde de invencibilidade no Brasileirão foi do São Paulo. Ele disse que foi do Corinthians no campeonato de 2011. Podem tirar nossa dúvida?

***João Victor Lazzari**, São Paulo (SP)*

O seu amigo está meio certo e meio errado, João. Se a referência era quanto à era dos pontos corridos, iniciada em 2003, o Corinthians tornou-se o recordista no ano passado, ao permanecer 19 partidas sem perder entre 2010 e 2011. A sequência foi quebrada na derrota para o Cruzeiro por 1 x 0, no estádio do Pacaembu. São Paulo, em 2008, e Atlético-PR, em 2004, detinham o recorde anterior, de 18 jogos sem uma derrota. Na história do Brasileirão, a conversa é diferente. Dificilmente o feito do Botafogo entre os campeonatos de 1977 e 1978 será alcançado. Foram 42 partidas sem saber o gosto da derrota na competição nacional. O Santa Cruz, no mesmo período, chegou perto, com 35 jogos. O personagem do fim da série alvinegra foi o ponta-esquerda Renato Sá. Jogando pelo Grêmio, ele marcou duas vezes na vitória por 3 x 0 no Maracanã em cima do Fogão. Um ano depois, foi contratado pelo clube da estrela solitária.

MAIORES SÉRIES INVICTAS NO BRASILEIRÃO

NA HISTÓRIA DOS BRASILEIROS

CLUBES	JOGOS INVICTO	TEMPORADA
BOTAFOGO	42	1977/78
SANTA CRUZ	35	1977/78
PALMEIRAS	26	1972/73

NOS PONTOS CORRIDOS

CLUBES	JOGOS INVICTO	TEMPORADA
CORINTHIANS	19	2010/11
ATLÉTICO-PR	18	2004
SÃO PAULO	18	2008

*JOGOS DE COMPETIÇÕES OFICIAIS, SEM CONSIDERAR AMISTOSOS

Comprei o livro dos 90 anos do Figueirense e, na página dos títulos, estava o de campeão da Copa Mercosul de 1995. Pesquisei na internet e diziam que na época não era disputado. Qual é verdade?

***Eduardo Martins Reitz** (eduardoreitz@gmail.com)*

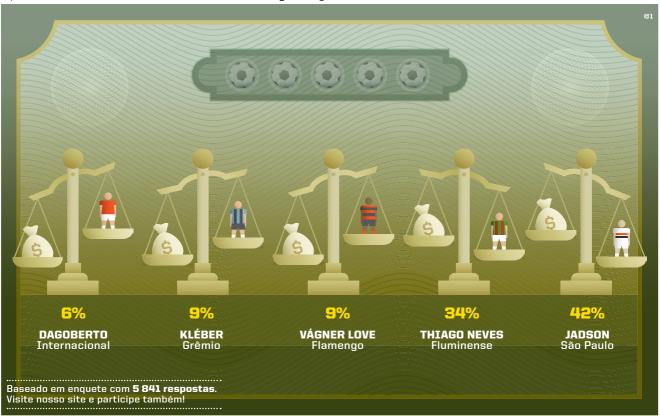
Eduardo, temos uma notícia boa e outra ruim. A boa: o Figueirense conquistou a "Copa Mercosul" de 1995. A ruim: ela nada tinha a ver com a organizada pela Conmebol e disputada entre 1998 e 2001. A copa catarinense tinha apenas o mesmo nome da competição e foi organizada pela federação do estado. Quatorze clubes foram convidados, mas metade desistiu: Inter-RS, Grêmio, Peñarol-URU, Racing-ARG, Juventude-RS, Estudiantes-ARG e Barcelona-EQU. Para substituí-los, Jonville e o pequeno Cerro-URU foram chamados e juntaram-se a Avaí, Coritiba, Criciúma, Figueirense, Marcílio Dias, Nacional-URU e Olimpia-PAR. Até o título, o Figueira precisou vencer o Olimpia por 1 x 0 na prorrogação, depois de empatar em 2 x 2, e o Marcílio Dias (1 x 0). Na final, contra o Joinville, mais um empate no tempo normal (0 x 0) e vitória com gol de Biro-Biro na prorrogação. Foi o primeiro título internacional do Figueira, ainda que não tenha sido "aquela" Copa Mercosul...

Figueira campeão da "outra" Mercosul

ENQUETE DO MÊS

Qual foi a melhor contratação para 2012?

%	Jogador	Clube
6%	DAGOBERTO	Internacional
9%	KLÉBER	Grêmio
9%	VÁGNER LOVE	Flamengo
34%	THIAGO NEVES	Fluminense
42%	JADSON	São Paulo

Baseado em enquete com **5 841 respostas**.
Visite nosso site e participe também!

PREPARE-SE PARA LONDRES

Os Jogos Olímpicos de Londres-2012 estão chegando. E você pode se preparar para o maior evento esportivo do planeta com a PLACAR e a Abril. É só acessar o portal abrilemlondres.com.br para relembrar tudo o que aconteceu nos Jogos do passado, estatísticas, quadro de medalhas e curiosidades. Comece seu treinamento para a Olimpíada-2012 com toda a história olímpica na ponta da língua.

CENTENÁRIO SANTISTA

O Santos completa 100 anos apenas em abril, mas a PLACAR, em parceria com o portal Viajeaqui, dá início ao centenário santista em março. Confira as imagens mais marcantes, histórias curiosas, relembre os grandes craques, os títulos e muito mais. Vamos a fundo também na história da cidade, apresentando os personagens e locais típicos de Santos. Confira todo esse conteúdo no endereço: placar.abril.com.br/santos-100-anos

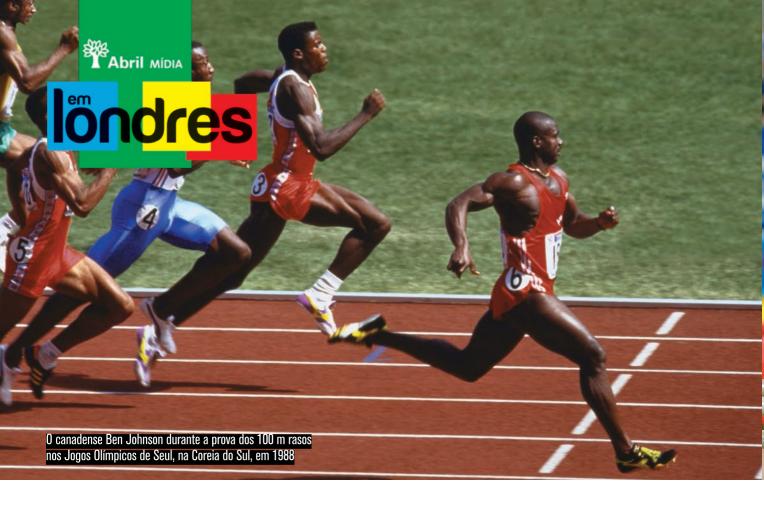
©1 ILUSTRAÇÃO GABRIEL GORSKI

PEGA ELE, TCHÊ! No Estádio Olímpico, o meia Marquinhos foge da perseguição tenaz e bem ensaiada de dois "pitbulls" do São Luiz. A voracidade da dupla, no entanto, não foi páreo para derrubar o Grêmio, que venceu o time de Ijuí por 1 x 0, pela quarta rodada do Gauchão

© FOTO EDISON VARA

INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
À esquerda, Di Natale, da Udinese, observa o salto na neve dos zagueiros Chiellini e Bonucci, celebrando a vitória da Juventus por 2 x 1. Acima, Jonas estrela voo solo ao marcar o gol do Valencia em cima do Barça na semifinal da Copa do Rei. Ao lado, Henry levita sobre o gramado do Emirates Stadium após fechar o 7 x 1 do Arsenal sobre o Blackburn.

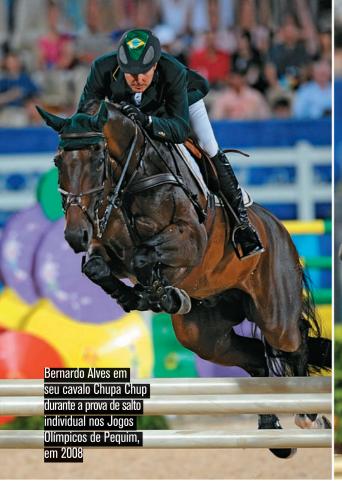
Abril MÍDIA em londres

O canadense Ben Johnson durante a prova dos 100 m rasos nos Jogos Olímpicos de Seul, na Coreia do Sul, em 1988

O DOPING NAS OLIMPÍADAS

Banido somente no fim dos anos 60, o uso de substâncias para aumentar a performance sempre esteve presente nos Jogos

Saiba mais em: www.abrilemlondres.com.br m.placar.com.br/olimpiadas

Bernardo Alves em seu cavalo Chupa Chup durante a prova de salto individual nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008

O brasileiro Rodrigo Pessoa e o cavalo Rufus, desclassificados nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008

O uso de substâncias para melhorar o desempenho de atletas sempre fez parte dos Jogos Olímpicos, embora nem sempre tenha sido considerado doping. Os primeiros jogos que contaram com algum controle, ainda que bem incipiente, foram os da Cidade do México, em 1968. O primeiro atleta a ser pego em um teste antidoping foi o sueco Hans-Gunnar Liljenwall, do pentatlo moderno, por uso de álcool. No entanto, a tecnologia dos testes quase sempre esteve alguns passos atrás dos mecanismos para camuflar o uso das drogas. Nos anos 90, após a queda do muro de Berlim, descobriu-se que o uso de esteroides era muito difundido entre os atletas da Alemanha Oriental nas décadas de 70 e 80, especialmente as nadadoras. Um dos casos mais notórios de doping foi o do velocista canadense Ben Johnson, que venceu os 100 metros rasos em Seul 1988 – na ocasião, ele também havia quebrado o recorde mundial da prova. Três dias depois, o teste de urina revelou o uso da substância estanozolol, um esteroide anabolizante. Os únicos casos brasileiros de doping em uma edição olímpica não foram exatamente de atletas: em Pequim 2008, os cavalos Rufus, de Rodrigo Pessoa, e Chupa Chup, de Bernardo Alves, foram flagrados no exame antidoping e desclassificados.

EDIÇÃO **FELIPE ZYLBERSZTAJN** / DESIGN **L.E. RATTO**

 PERSONAGEM DO MÊS

Demorô...

RICARDO TEIXEIRA DEVE DEIXAR O COMANDO DO FUTEBOL BRASILEIRO APÓS 23 ANOS. APESAR DO ALÍVIO GERAL, NADA INDICA QUE TUDO VÁ MELHORAR

POR SÉRGIO XAVIER FILHO

A derrocada de Ricardo Teixeira seguiu a máxima dos acidentes aéreos. Uma tempestade não derruba o avião. Um mau piloto dificilmente conseguirá espatifar sua aeronave no solo. Falhas mecânicas quase sempre são descobertas a tempo e não provocam desastres. É a combinação de vários fatores, ao mesmo tempo e no mesmo voo, que gera tragédias aéreas. Ricardo Teixeira cambaleou após uma sequência de escolhas erradas, trapalhadas, coincidências, ambições e doses cavalares de arrogância. O dirigente começou o ciclo da Copa de 2014 com um poder quase imperial. Do lado externo, era um dos principais integrantes do "núcleo duro" da Fifa. Ao lado do presidente Sepp Blatter e do secretário-geral Jérôme Valcke, Teixeira tinha voz ativa na entidade. Uma voz que ficava mais forte pelo fato de o Brasil ter se tornado o centro do mundo em matéria de esporte.

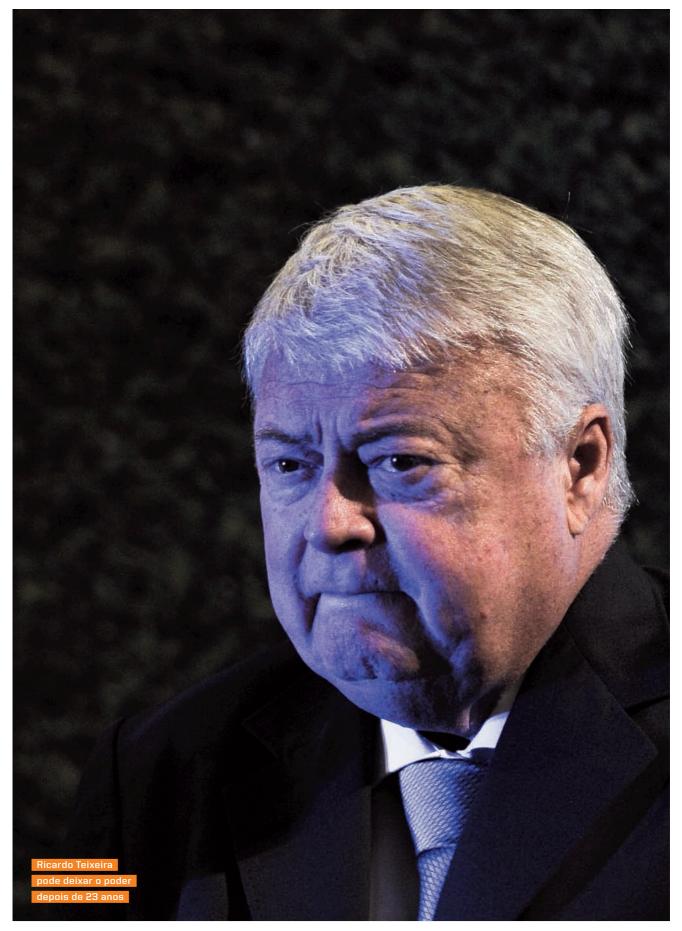
Pelo lado interno, Teixeira tinha federações e clubes sob controle. Mais, tinha uma relação direta e tranquila com o presidente da República. As primeiras turbulências começaram a aparecer quando Lula deu lugar a Dilma Rousseff. Apesar de se tratar de uma sucessão, Dilma não era Lula. O trânsito livre no governo federal tinha terminado. Na Fifa, Teixeira fez uma aposta ousada: jogou contra o chefe. Trabalhou secretamente pala candidatura de Mohammed bin Hammam, o milionário catariano que queria o lugar de Blatter. O presidente da Fifa não demorou muito para descobrir que tinha um traidor.

Para completar, o revelador perfil da revista *Piauí*. Seguro de si, Teixeira permitiu que a repórter Daniela Pinheiro convivesse por dias com ele. "Caguei montão" foi a frase que virou bordão. Teixeira a usou para dizer o que pensava das críticas da imprensa. Ficou claro que ela se aplicava a todos os que o questionavam, incluindo políticos, autoridades e a sociedade em geral. Se ele não primava pela simpatia, sua taxa de rejeição foi às nuvens.

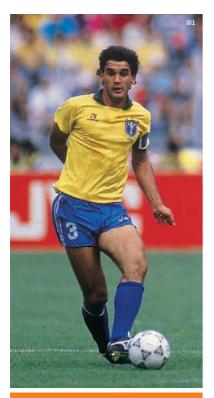
No ano passado, Blatter jogou mais pesado. Vazou para a imprensa o relatório de uma investigação sobre corrupção na própria Fifa. Um dos nomes do documento seria do próprio Ricardo Teixeira. Nas visitas ao Brasil, integrantes da comitiva da Fifa vazavam que a renúncia de Teixeira (principalmente do Comitê Organizador Local da Copa) seria uma bênção para o projeto do Mundial.

O jornal *Folha de S.Paulo* conseguiu documentos mostrando digitais de Teixeira no escândalo de superfaturamento no governo do Distrito Federal quando do amistoso contra Portugal em 2008. Em paralelo, Ricardo Teixeira iniciou um processo de venda de seus bens pessoais. Uma fazenda no interior fluminense, um restaurante no Rio, um apartamento no Leblon. Existe a possibilidade de as Justiças brasileira e suíça pedirem o bloqueio de bens. Miami seria então seu novo endereço.

A retirada em fuga do homem que comandou o futebol brasileiro por 23 anos não é garantia de melhora de nada. Teixeira não deixou sucessores, a tentativa de civilizar Andrés Sanchez mal havia começado. A oposição não tem candidato. O Clube dos 13 foi desmantelado, diga-se de passagem. Os vice-presidentes da CBF José Maria Marin e Marco Polo del Nero não têm força nem representatividade. É até uma ironia, mas a saída abrupta de Teixeira pode se configurar na última maldade do império.

Ricardo Teixeira pode deixar o poder depois de 23 anos

ÍDOLO DO ÍDOLO

DEDÉ
zagueiro do Vasco

Ricardo Gomes é meu paizão e me ajudou muito a melhorar meu posicionamento. Mas desde moleque eu sempre gostei da classe dele ao desarmar."

R. Gomes ajudou Dedé no Vasco

"Ô menino, não era pra você estar usando um boné?"

Cartola precoce

LESÕES ABREVIARAM A CARREIRA DE FILIPE EM CAMPO. AOS 21 ANOS, ELE FOI PARA OS BASTIDORES

POR KLAUS RICHMOND

"Muito prazer. Filipe, presidente." É assim que Filipe Moreira dos Santos se apresenta ao fotógrafo da PLACAR. Aos 21 anos, ele é o mandachuva do modesto São Judas Tadeu, time da quarta divisão de São Paulo, e se autodenomina "o presidente mais jovem do mundo" (título que pretende ver reconhecido no *Guinness Book*, livro dos recordes). O clube foi fundado em 2007 pelo pai de Filipe, um empresário no ramo de transportes devoto de São Judas Tadeu. O precoce presidente conta que, depois de jogar anos na base de Portuguesa e Corinthians, teve a carreira de lateral abreviada pela quebra do tornozelo. Decidiu então, com o pai, filiar o clube na Federação Paulista de Futebol (FPF) e ganhou a presidência de prêmio. "Joguei bola, mas tive muitas lesões. Eu e meu pai demos continuidade ao sonho com uma taxa de 500 000 reais", diz ele, referindo-se ao preço da inscrição na FPF. "Fui eleito presidente pelo meu pai, que reconheceu minha determinação." O time fica em Jaguariúna, mas é gerido em São Paulo, onde Filipe cursa o quinto semestre de direito. "Eu me considero um aprendiz. Tenho contato com presidentes de quase 70 anos, e alguns não me respeitam por eu não ter barba no rosto. Mas já sou alguém que fez história", afirma. Enquanto ajeita a cartola para a foto, comenta: "Isso aqui tem tudo a ver comigo. Sou muito amigo do Andrés Sanchez".

©1 FOTO PEDRO MARTINELLI ©2 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI ©3 FOTO GUGA MATOS ©4 ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO

Um doce de torcedor

ZÉ CARECA É O DONO DA BOLA (DE CHICLETE) NO SPORT

POR TIAGO MEDEIROS

Quem vê José de Souza Leite Neto, 67 anos, atrás do banco de reservas do Sport, na Ilha do Retiro, pode ficar com a impressão errada. Ele não para de disparar xingamentos dos mais cabeludos na orelha dos técnicos do rubro-negro, mas, no fundo, Zé Careca é um "doce". Ou melhor, é de dar doces. Há quase 40 anos ele entrega pacotes de chiclete aos atletas antes dos jogos. E se orgulha de ter adoçado a boca de ídolos como Juninho Pernambucano.

Do ponto de vista nutritivo, o chiclete em nada ajuda os atletas. É o que garante o médico da seleção, José Luiz Runco. "Não oferece nenhum benefício que não seja o psicológico, aliviando a tensão. Mas não ajuda na hidratação", afirma. Ainda assim, o torcedor diz gastar 300 reais por ano em gomas de mascar desde a década de 70. Mas vá questioná-lo por isso. "O dinheiro é seu ou meu?", responde com sua peculiar delicadeza, antes de emendar um palavrão na direção do gramado.

NUMERALHA

POR RODOLFO RODRIGUES

55 jogos completou Muricy Ramalho pela Libertadores, contando a estreia contra o Strongest. Se permanecer no comando do Santos na fase de grupos, o treinador vai superar Luiz Felipe Scolari (58 jogos) como o técnico brasileiro com mais partidas na competição.

81 jogos poderá fazer o Santos em 2012, caso vá, novamente, à final do Estadual, da Libertadores e do Mundial nesta temporada. Em 2011, o Peixe disputou 79 jogos oficiais.

LENDAS DA BOLA

POR MILTON TRAJANO

Enquetes não-oficiais apontavam os nomes favoritos, embora a disputa seguisse em aberto...

1-GORDUCHINHA
2-DOUTOR
3-TELÊ
4-GARAPA

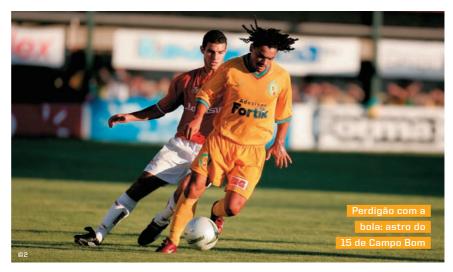
Pois na véspera, o site MegaTimeUpload havia sido fechado pelo FBI.
A CBF guardava documentos lá. Incluindo os votos computados.

©4

Um time para Ricardinho

Ricardinho, que decidiu virar treinador, assumiu o Paraná Clube este ano durante uma situação, digamos, insólita. O time disputará a segunda divisão do Estadual e a série B do Brasileiro – que só devem começar em maio. Até lá, tem apenas duas partidas oficiais marcadas: os confrontos deste mês (dias 7 e 15) pela Copa do Brasil contra a Luverdense-MT. O último jogo do time foi em novembro de 2011. Ricardinho enxerga o copo meio cheio. "As dificuldades podem se tornar grandes aliadas se você souber transformá-las em coisas boas. Criatividade é a palavra. Com uma pré-temporada um pouco mais longa, posso montar um time com o meu perfil durante jogos-treino." Até o meio de fevereiro, o Paraná só havia enfrentado um único adversário – um combinado de atletas sem clube. Venceu por 2 x 0. ***Murilo Basso***

Ricardinho no Paraná: quando jogava *(à esq.)* e enquanto espera por jogos oficiais *(abaixo)* como técnico do time

Perdigão com a bola: astro do 15 de Campo Bom

Amador por escolha

CLUBE CENTENÁRIO, O 15 DE CAMPO BOM ACABOU COM SEU TIME PROFISSIONAL. E DEVE CONTINUAR ASSIM

POR LUIS FELIPE DOS SANTOS

Vice do Gauchão três vezes e terceiro colocado na Copa do Brasil de 2004, o 15 de Campo Bom tem um passado recente de resultados animadores. Hoje, porém, o estádio Sadi Schmidt só recebe jogos beneficentes e treinos de juvenis. Mas o que levou o clube a fechar o futebol profissional? Segundo o presidente Marco Aurélio Feltes, foi para não quebrar. "Quando caímos para a segunda divisão [em 2008] muitos investidores foram embora. A Segundona é um campeonato caro. Um time precisa de pelo menos 1 milhão de reais para se sustentar, e a Federação Gaúcha nos garante 200 000. Era melhor fechar que não pagar dívidas", diz Feltes. Empresários e ex-atletas costumam aparecer com propostas tentadoras, mas ele aguarda mais garantias, apesar dos apelos da cidade para voltar aos campos. "Não faremos loucuras", ele garante.

Filhotes do 15

DAURI
Ex-Grêmio e Botafogo, acabou com o Vasco numa vitória de 3 x 0 no Rio, em 2004. Maior goleador do clube gaúcho na era profissional.

SANDRO SOTILLI
É uma espécie de andarilho e goleador gaúcho. Foi um dos nomes mais importantes na campanha do vice-campeonato estadual de 2005.

EDIGLÊ
Ao lado de Perdigão, o zagueiro foi vice do Gauchão em 2005. Depois, saíram para o Inter, onde foram campeões mundiais em 2006.

MANO MENEZES
O técnico da seleção dirigiu o time em 2004, quando o 15 chegou à semifinal da Copa do Brasil. E Mano ganhou notoriedade.

©1 FOTO RODOLFO BUHRER ©2 FOTO EDISON VARA ©3 FOTO VIPCOMM

©3

"Negueba, por acaso você viu a minha grana por aí?"

Tiro pela culatra

APÓS LIDERAREM IMPLOSÃO DO CLUBE DOS 13, DISSIDENTES SOFREM COM PORTAS FECHADAS NOS BANCOS E ATRASAM SALÁRIOS

Em setembro de 2011, Assis, irmão e empresário de Ronaldinho Gaúcho, se espantava com a PLACAR [no destaque]: "Endinheirados, clubes brasileiros mantêm estrelas e resgatam seus craques", dizia a chamada de capa. Questionado se Ronaldinho tinha problemas financeiros com o Flamengo, Assis foi enfático: "Não, não, tudo 100%". O imbróglio entre a Traffic e o clube era mantido em sigilo, mas o camisa 10 contabilizava seu primeiro mês de salário atrasado. A dívida chegou a 4 milhões de reais. O Flamengo ainda deve a alguns jogadores, como Deivid, que cobra 6 milhões de reais. Situação semelhante à de Cruzeiro e Vasco, que acumulam atrasos de salário por causa de um processo de arrocho financeiro que começou bem antes da virada do ano. Ao acompanhar a ofensiva para a dissolução do Clube dos 13, o trio jogou contra o próprio patrimônio. Apesar de turbinar os cofres com o novo contrato com a Globo, penam para obter empréstimos e antecipações de cotas de TV a curto prazo sem o C-13, que era o principal avalista dos clubes.

CONTRA O C-13
Sem apoio da entidade na briga pela Taça das Bolinhas, foi um dos primeiros clubes a negociar separadamente com a Globo

EFEITO COLATERAL
Torrou cerca de 40 milhões de reais do adiantamento da nova cota de televisão em 2011 e tem dificuldades para saldar dívidas com jogadores e até mesmo com o Clube dos 13

CONTRA O C-13
Opositor da reeleição de Fábio Koff, criticou a abertura da negociação dos direitos de TV com outras emissoras, como Record e RedeTV!

EFEITO COLATERAL
Teve adiantamento negado pela Globo e enfrenta boicote dos jogadores às concentrações devido ao atraso no pagamento de salários, inclusive de funcionários

CONTRA O C-13
Após a assinatura de contrato com a RedeTV!, o ex-presidente Zezé Perrella tornou-se inimigo declarado da entidade e rompeu com Fábio Koff

EFEITO COLATERAL
Recorreu a bancos para quitar salários atrasados, mas teve empréstimos negados sem o aval do C-13 e de Perrella, que deixou rombo de 30 milhões de reais

O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE

POR ENRIQUE AZNAR

Ditaduras ainda existirão por muito tempo. A humanidade não é lá muito confiável, lamento dizer isso. Mas os ditadores passam. Definham. Sucumbem aos vermes de suas próprias entranhas. Um deles, recentemente, tripudiou de um país inteiro. Evacuou aos montes sobre uma nação. E seguiu se esquivando à sombra, gargalhando azedo, regorgitando o catarro sórdido de quem pilhou um mundo. Mas uma hora o tempo vira. O caldo entorna. A casa cai. A cobra fuma. E o bicho pega. Saiba, senhor, que nem todas as bolhas de champanhe francês vão agora limpar sua garganta. Nem seu nome. Arrotarás jiló para sempre.

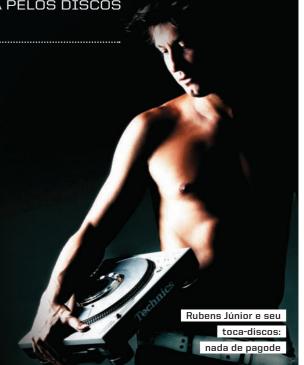
©3

Rubens Júnior ataca de DJ

AOS 37 ANOS, O EX-LATERAL TROCOU A BOLA PELOS DISCOS

POR LUIZ FELIPE SILVA

P| De onde surgiu essa ideia de ser DJ?
R| Na época em que eu jogava futebol, eu já fazia isso em casa. Parei de jogar [há quatro anos] e pensei que era uma profissão legal, envolvida com o público, como na época de atleta.
P| Que profissão é melhor para pegar mulher?
R| Acho que deve ser como DJ. Eu tô fora disso, sou casado, mas a gente percebe que o DJ tem um assédio impressionante. É um cara que mexe com as emoções e os sentimentos das pessoas.
P| O Rubens Júnior é melhor DJ ou jogador?
R| Ah, são trabalhos muito diferentes. Como DJ, tem muito esforço psicológico, muita pesquisa e muitos conhecimentos musicais. Com futebol não. É muito mais físico, tem treinamento, jogo, viagem.
P| Qual seu estilo favorito nas pistas?
R| Eu gosto de tocar house e prog-house. Nada relacionado ao futebol [risos].

Rubens Júnior e seu toca-discos: nada de pagode

Os nomes mais estranhos de torcidas organizadas

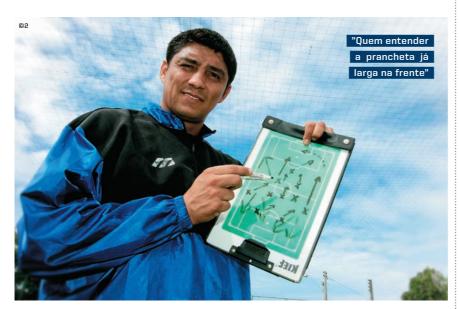
por Acácio Goulart

Boca Suja (Mixto-MT)	**Flamanguaça** (Flamengo-RJ)	**Fogospel** (Botafogo-RJ)	**Barrigueira** (Figueirense-SC)
Naçacanagem (Nacional-AM)	**Avacoelhada** (América-MG)	**Bobgueira** (Figueirense-SC)	**Torcida Taliban** (Flamengo-SP)
Genocídio (Genus-RO)	**Internação** (Inter de Limeira-SP)	**Iron Galo** (Atlético-MG)	**Motozeiros** (Cruzeiro-MG)
Febre Amarela (Brasiliense-DF)	**Criptonita** (Vit. da Conquista-BA)	**Galo Metal** (Atlético-MG)	**Tsunamy** (Itaperuna-RJ)
Bafo na Nuca (Novo Hamburgo-RS)	**Pantera Cor de Raça** (Democrata-MG)	**Galo Stones** (Atlético-MG)	**Norusca Metal** (Noroeste-SP)
Bengala Azul (São Caetano)	**Bafo do Leão** (Sport-PE)	**Torcida Alcoolizada Galo Chopp** (CRB)	**Unidos do Elefante** (Linense-SP)
Desempregalo (Atlético-MG)	**Anjinhos do Belo** (Botafogo-PB)	**Alcoolorados** (Vila Nova-GO)	**Formigaláticos** (Funorte-MG)
Embriagalo (Atlético-MG)	**Gato Cruel** (Ceilândia-DF)	**Taliban Bicolor** (Linhares-ES)	**Lama Verde** (Caldense-MG)

NUMERALHA

25,9

milhões de reais foi quanto o Fluminense gastou para reforçar seu elenco em 2012 – o maior gasto no início da temporada. **Thiago Neves** foi o maior investimento (16 milhões de reais), seguido por Wagner (6,4 milhões); Jean (2,5 milhões) e Anderson (500 000). Os outros clubes que mais gastaram foram o Grêmio (22,7 milhões), Flamengo (20,2 milhões), São Paulo (20 milhões) e Inter (10,7 milhões). ***R.R.***

©2

Professor de gol

JARDEL PAROU, MAS NÃO QUER DEIXAR O FUTEBOL. SUA NOVA MISSÃO? FORMAR ARTILHEIROS

POR BRUNO FORMIGA

Jardel saiu meio à francesa dos gramados. Não estipulou data para pendurar as chuteiras nem fez partida de despedida. Simplesmente aconteceu, após tentativas frustradas no Flamengo-PI, Cherno More-BUL e Rio Negro-AM (onde nem mesmo chegou a estrear). Agora Jardel quer inovar. Aos 38 anos, o artilheiro planeja passar adiante tudo o que aprendeu como jogador: basicamente, como fazer gols. Sua ideia é virar um treinador exclusivo de atacantes. "Se Deus me deu esse dom, por que não ensinar aos outros?", pergunta Jardel, sustentado em sua estatística preferida: 130 gols em 125 jogos pelo Porto-POR.

"Na minha época, a gente ficava chutando e cabeceando após o horário normal. Hoje, ninguém mais trabalha finalização", lamenta o ex-atacante, que teve a ideia lembrando-se de suas passagens pela Europa. "Lá é comum a divisão da comissão técnica por setor. No Brasil não existe isso." E ele tem razão. O Ajax, por exemplo, tem assistentes segmentados. Por aqui, os casos ainda são raros. "Pretendo ir ao Recife fazer um curso de treinador. O Ricardo Rocha (ex-zagueiro da seleção) está me orientando nisso", conta Jardel, que diz já ter recebido convite de uma equipe mexicana (que ele não revela o nome). "Só estou esperando o treinador atual cair."

CORRA PARA O ABRAÇO

Jardel dá dicas para estufar as redes

ANTECIPAÇÃO
"Antecipação no primeiro pau, em diagonal, é fundamental. Seja pelo alto ou por baixo"

TEMPO DE BOLA
"Uns nascem com isso, outros têm de aperfeiçoar. A solução é treinar muito cruzamento"

OLHO ABERTO
"Cabecear de olho aberto é básico, olhando sempre para o posicionamento do goleiro"

PIVÔ
"Atacante tem de ajeitar a bola para quem vem de trás, fazendo o papel de pivô do futsal"

PRA LÁ E PRA CÁ
"Girar para um lado e girar para o outro requer treinamento para bater com as duas pernas. Engana muito zagueiro"

©1 FOTO DIVULGAÇÃO ©2 FOTO JOSÉ LEOMAR

A Ilha se retira com estilo

ILHA DO RETIRO SERÁ DEMOLIDA NO FIM DESTE ANO, MAS ANTES GANHA GRAMADO NOVO E UMA DAS MAIORES REFORMAS DA SUA HISTÓRIA

POR TIAGO MEDEIROS

Após o Brasileirão, a Ilha do Retiro será demolida para a construção da nova Arena do Sport. O clube, entretanto, vem investindo pesado no estádio. A começar pelo gramado, que foi todo trocado a um custo de quase 500 000 reais. A ideia é replantá-lo no CT do clube quando a Ilha for ao chão. E a coisa não para por aí. Os bancos de reservas agora têm assentos iguais aos do Santiago Bernabéu. Os vestiários foram remodelados, uma sala de imprensa para os visitantes está sendo construída e uma academia foi inaugurada (ao custo de quase 300 000 reais). Para este mês, está prevista a estreia de um telão de led de 6 metros de altura por 9 de comprimento no lugar do antigo placar eletrônico. Para completar, toda a parte interna do estádio foi pintada pela marca de tintas que patrocina o clube. Gustavo Dubeux, presidente do Sport, explica a ideia. "Voltamos a disputar a série A e teremos toda uma temporada pela frente. Vamos cuidar da nossa marca. Precisamos valorizar nossa imagem."

Ilha do Retiro: reformar para depois derrubar

NUMERALHA

8 foram os reservas de Rogério Ceni desde que o goleiro virou titular do São Paulo em 1997. Nos últimos 15 anos, quem mais defendeu o gol são-paulino foi Roger, seguido por Bosco e Denis, que será seu substituto em 2012 enquanto ele se recupera de cirurgia no ombro direito. Veja quem mais esquentou o banco de Ceni. *R.R.*

ROGER 49 jogos

BOSCO 41 jogos

DENIS 30 jogos* — Em 2012, pode se tornar o maior substituto de Rogério Ceni

P. SÉRGIO 5 jogos

ALENCAR 5 jogos — Em 2001, Ceni foi expulso contra o Vasco. Alencar entrou e tomou 7 gols

FLÁVIO 4 jogos

FABIANO 1 jogo — Em 2007, defendeu pênalti no empate com o Fluminense

MATEUS 1 jogo

* ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO.

Chulapa x Neto

PLACAR ESMIUÇOU AS RECENTES (E BOAS) BIOGRAFIAS DE DOIS DOS MAIS CONTROVERSOS ÍDOLOS DO FUTEBOL BRASILEIRO – E COMPAROU SUAS HISTÓRIAS. QUAL DELES FOI MAIS POLÊMICO? VOCÊ ESCOLHE

SERGINHO CHULAPA (58 ANOS)

O ARTILHEIRO INDOMÁVEL – As Incríveis Histórias de Serginho Chulapa
Wladimir Miranda
Publisher Brasil
27 reais

NETO (45 ANOS)

ETERNO XODÓ
Renato Nalesso e Fabricio Bosio
Primavera Editorial
45 reais

GRANDES FEITOS EM CAMPO

Maior artilheiro da história do São Paulo, com 242 gols. Ídolo dos santistas desde a decisão do Paulista de 1984, quando marcou o gol do título contra o Corinthians. "O título teve um gosto especial para mim. Assim que cheguei ao vestiário, tomei mais da metade de uma garrafa de uísque."

Um dos melhores chutadores de bolas paradas de todos os tempos. Herói do primeiro título nacional do Corinthians – o Brasileirão de 1990. "Depois do jogo, desci para o vestiário e acendi um cigarro." No hotel, ele "roubou" a taça. "Escondi na bolsa e fiquei lá tomando umas cervejas com o Mauro."

COPAS DO MUNDO

Foi para a Copa de 82, na Espanha, mas seu estilo de jogo não fechava com o do resto da seleção. "Aceitei ser pivô. Fiquei jogando de costas para o gol." Ficou de fora da Copa de 1978 por ter agredido um bandeirinha. "A minha Copa era a de 78, quando estava tinindo. Era a Copa de choque. Cotovelada aqui, chegada ali."

Nunca jogou uma. Ficou fora em 1990, quando atingiu seu auge em campo. "Fiquei muito puto! Indignado! Fui considerado o melhor jogador do país por toda a mídia esportiva. Mas o bairrismo tomou conta. O carioca Lazaroni convocou uma base de jogadores cariocas. Foi frustrante." Para o técnico Sebastião Lazaroni, "o Neto só criava caso."

CONFUSÕES FAMOSAS

Em 1977, pegou suspensão de 14 meses (que caiu para 11) por ter chutado a canela do bandeirinha Vandevaldo Rangel no Campeonato Paulista. Em 1981, chutou o rosto de Leão na final do Brasileiro. O goleiro gremista o teria provocado acerca do absorvente feminino que Serginho tinha de usar por causa de hemorroidas. Na decisão do Brasileiro de 1983, encheu de porrada fotógrafos que invadiram o Maracanã. O Flamengo ganhava por 3 x 0 do Santos.

Depois de um carrinho desleal por trás em César Sampaio num clássico contra o Palmeiras no Paulista de 1991, Neto foi expulso pelo árbitro José Aparecido de Oliveira. O camisa 10 do Corinthians não teve dúvidas. Deu uma cusparada no rosto do juiz *(foto abaixo)* e desceu para o vestiário. Pegou quatro meses de gancho. Cumpriu dois e pouco. Suspenso, ele aproveitou para fazer jogos beneficentes e amistosos na várzea para manter a forma.

GAROTO-PROBLEMA

Chegou a se misturar com a bandidagem do seu bairro. "Nós usávamos armas. Eu cheguei a andar armado também. Com 15, 16 anos, começamos a roubar vendas. A gente roubava porcos. Eu sabia até o que fazer para o porco não gritar e chamar a atenção. Eu colocava sabão na boca do porco."

Na escola, uma professora não deixou Neto ir ao banheiro. Ele abaixou o short e fez xixi nas carteiras das meninas de que não gostava. O irmão de Neto se lembra do primeiro emprego, como entregador de compras. "Depois de dois dias, ele discutiu com a gerente do mercado e foi demitido."

DIAS DE HOJE

Treinador dos times de showbol e de futebol de areia, líbero (!) do time de masters e olheiro de novos talentos do Santos. "O presidente (Laor) disse que sou ídolo do Santos e que ídolos têm de trabalhar no clube."

Comentarista esportivo. Fala no rádio, apresenta programas de TV e tem blog em grandes portais. "Adoro escrever. As pessoas têm a mania de achar que, porque fui jogador, não tenho capacidade. É um tremendo preconceito."

©1 FOTO DIVULGAÇÃO ©2 FOTO LÉO CALDAS

CAMAROTE PLACAR APRESENTA

2012 COMEÇA COM TUDO NOS CAMAROTES PLACAR

Craques da bola e do skate curtiram os grandes lances do futebol nas áreas VIPs de PLACAR

O zagueiro Luiz Paulo aproveita o intervalo do jogo para conferir a última edição da revista PLACAR

Jadson, a grande contratação do Tricolor, posa para foto com pequeno são-paulino

O novo camisa 10 também aproveitou para distribuir autógrafos aos convidados de PLACAR

Os campeonatos Paulista e Carioca começaram em janeiro, e com eles se iniciaram as atividades do Camarote PLACAR Veja São Paulo, no Estádio do Morumbi, e do Camarote PLACAR Veja Rio, no Engenhão. Ilustres figuras do futebol e dos esportes radicais já deram as caras este ano no Camarote do Morumbi, entre elas, o ex-craque Belletti, campeão do mundo pela Seleção Brasileira (2002), com passagens por grandes clubes, como Fluminense, Chelsea e Barcelona. Também estiveram no espaço os reforços do São Paulo para a temporada: o atacante Osvaldo e o meio-campista Jadson, recém-chegado da Rússia.

A turma do skate também gosta de futebol: Rony Gomes *(na foto, de óculos)* e Edgard Vovô *(ao lado, de camiseta preta)*, 5º e 3º colocados no ranking mundial da Mega Rampa, marcaram presença no Camarote. A temporada de 2012 ainda reserva muitas emoções, com a sequência dos estaduais, Copa do Brasil, Taça Libertadores e Brasileirão. Nada melhor do que assistir a essas partidas com todo o conforto dos espaços exclusivos de PLACAR.

Osvaldo, recém-chegado ao ataque do São Paulo, curtiu o jogo de seu novo time no Camarote

Destaque na Copinha, o meio-campista do Palmeiras Bruno Sabiá marcou presença na partida

O campeão mundial Belletti também esteve presente no espaço mais disputado do Morumbi

Produzido pela área de Soluções de Conteúdo da Abril Mídia Fotos: Anderson Carvalho e Flavio Santana

Manga

HERÓI DE BOTAFOGO E INTERNACIONAL, O GOLEIRO FIGURAÇA QUE MARCOU ÉPOCA NO BRASIL LEMBRA COM SAUDADE DO AMIGO "PESCADOR" GARRINCHA

Depois de quase 30 anos fora do Brasil, hoje eu trabalho com goleiros na base do Inter. Quero revelar muitos Manguinhas.

ESQUEMA 4-5-1

GOLEIRO

GILMAR *"O Brasil não tinha tantos bons arqueiros como hoje. E nós dois fomos as referências na Copa de 66."*

LATERAIS

RILDO *"Era lateral-esquerdo, mas jogava em qualquer lugar da defesa."*

ROBERTO CARLOS *"Bate muito forte na bola. Mas o velho Manga não teria medo dos seus chutes."*

ZAGUEIROS

NÍLTON SANTOS *"Autoridade máxima do melhor time do Botafogo."*

BELLINI *"Admirado por sua valentia e por ter sido um senhor capitão."*

MEIAS

ZITO *"Sabia como dominar uma bola e só jogava com a cabeça levantada. Um exemplo para os volantes atuais."*

GERSON *"Foi um pensador do meio-campo, sempre com passes e lançamentos precisos."*

DIDI *"Sua batida folha-seca era um terror para os goleiros. Merece todo o respeito do Manga."*

RIVELLINO *"Ao lado do Tostão, foi o grande camisa 10 da minha época."*

PELÉ *"Nunca veremos outro jogador igual a ele. O Neymar? Talvez... Mas hoje não dá para comparar."*

ATACANTE

GARRINCHA *"Minhas melhores lembranças do Garrincha estão fora do campo: ele era um pescador de mão cheia e adorava comer mariolas."*

TÉCNICO

RUBENS MINELLI *"É bastante admirado em Porto Alegre. Nenhum clube havia ganhado dois Brasileiros seguidos como o Inter em 75 e 76."*

POR MILTON NEVES

O tchan nem tchuns

Zé Mirto, valente zagueirão da A.A. Machadense de Machado-MG, teve em 1960 a incumbência de "acabar" com Mané Garrincha no inesquecível amistoso entre o time local, com os craques de Alfenas e Areado, e o grande Botafogo. Zé Mirto ficou apavorado. Hortêncio, seu treinador, prontamente tratou de tranquilizá-lo. "Zé Mirto, é o seguinte: o Garrincha só é bom no rádio. Os *speakers* aumentam, inventam. Eu fui na semana passada ver o esquema tático deles lá no Rio e o lateral do Bonsucesso não deixou o Mané pegar na bola. Você vai fazer o mesmo porque Garrincha só sabe fazer duas coisas: sair pela direita ou esquerda. Então é fácil: você para diante dele e, quando o Mané sair pela direita, você 'tchan' e prensa a bola. E bola prensada é da defesa", explicou. Ao que Zé Mirto perguntou: "E se ele sair pela esquerda?" "Aí você faz o mesmo, dá um "tchan", prensa a bola e você vai se consagrar, certo?" "Certo, fessô!" O primeiro tempo termina com o placar "apertado" de Botafogo 9 x 0 Machadense, oito gols do centroavante Genivaldo em cruzamentos de Mané. À saída do campo, treinador e repórteres perguntaram a Zé Mirto o que houve. Ele explica: "O fessô garantiu que o Garrincha só saía pra direita ou pra esquerda, eu fiquei esperando, mas ele 'ataia'... Aí não dá memo!", justificou, dando de ombros.

Partida histórica. Em pé, da esquerda para a direita: Garrincha, Zé Mirto, Didi e Pedroso. Agachados: Zagallo, o menino Aldo Garcia e o "Puskas" de Muzambinho. A foto é de 6 de novembro de 1960, quando o Botafogo levou seus craques campeões mundiais para jogar no sul de Minas Gerais

★ ★ ★

RODELA DE CARTÁ VURTO

Juninho, que virou Juninho Paulista quando o Vasco contratou também o Juninho Pernambucano, estava começando no Ituano em 1991, saindo da várzea de São Paulo. Com um mês no time de baixo, cativou a todos em Itu com sua simpatia e bom futebol. Aí, Rosan Francischinelli, empresário e presidente do Ituano, contratou Juninho Paulista como garoto-propaganda de sua "Elétrico do Rosan". No estúdio de pequena emissora de TV entre Itu e Porto Feliz, Juninho, de terno e maquiado, empostou a voz e leu o texto no teleprompter: "Comprem 'rodela de catá vurto' na Elétrico do Rosan, que tem os melhores preços e todos os tipos de rodela". Gravação feita, Juninho, Rosan, o jornalista Mauro Nóbrega e assessores foram comemorar em jantar no "Bar do Alemão". Lá, ainda tímido, o ressabiado Juninho perguntou: "Mas, seu Rosan, o que é 'rodela de catá vurto'"? Ao que Rosan respondeu: "É antena parabólica, Juninho. Temos que falar a linguagem do povo, senão o 'materiá' 'incaia', entendeu?"

★ ★ ★

ABREVIAÇÃO CONFUSA

O "célebre" e saudoso Ibraim José, moço de Itapetininga-SP, marcou época na Rádio Jovem Pan AM. Após um *Plantão Esportivo Permanente*, que eu comandava na emissora, o popular Fuinha leu a primeira manchete do "Jornal da Madrugada", que ele apresentava nos anos 80: "General Costa chega a Brasília e canta amanhã!" Era Gal Costa, a cantora baiana então no auge de sua carreira.

O ÚLTIMO GLADIADOR

RAÇUDO, ESPONTÂNEO, SINCERO E CONTUNDENTE, **KLÉBER** ESTÁ LONGE DE SER MAIS UM JOGADOR A SE ESCONDER ATRÁS DE FRASES FEITAS. MAS O NOVO ASTRO DO GRÊMIO TERÁ QUE CONTER ALGUMAS DESSAS CARACTERÍSTICAS PARA REALÇAR O QUE A TORCIDA CONSIDERA SUA PRINCIPAL QUALIDADE: A DE BOM JOGADOR

POR GIAN ODDI E FREDERICO LANGELOH
DESIGN ROGÉRIO ANDRADE
FOTO EDISON VARA

“Ô ô ô, o Gladiador é tricolor!” Era o que gritava a torcida gremista no dia 11 de fevereiro, enquanto o atacante Kléber deixava o gramado do Estádio Olímpico para entrada de André Lima, pouco após ter marcado o quarto gol na goleada por 4 x 1 sobre o Santa Cruz, pelo Campeonato Gaúcho. Seis dias antes, porém, Kléber protagonizava as manchetes de jornais por outra razão: tornava-se pública a informação de que sua mulher, Débora Favarini, registrara queixa na 1ª Delegacia de Polícia Civil para mulheres alegando ter sido agredida pelo atacante.

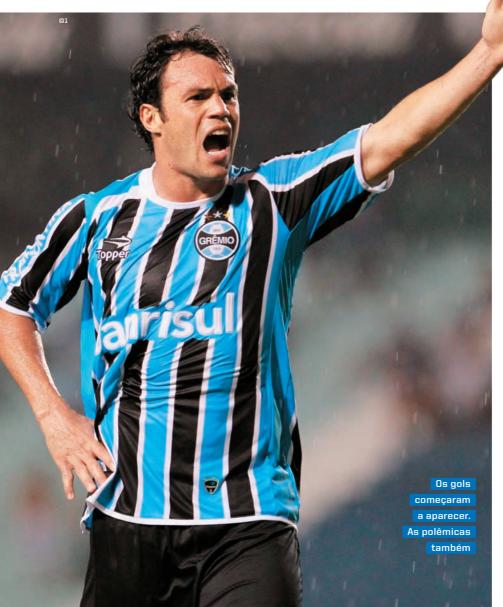
©1

Os gols começaram a aparecer. As polêmicas também

Segundo o boletim de ocorrência, Kléber chegou tarde de uma festa, irritando a esposa, que pegou o celular do atacante e se trancou no banheiro. O jogador, então, arrombou a porta e a atingiu na cabeça com um soco no rosto, “talvez não intencional”, ainda de acordo com o documento.

Os dois episódios, ocorridos em um intervalo de uma semana, sintetizam o que tem sido a carreira de Kléber nos últimos anos: idolatria nas arquibancadas, boas atuações em campo e confusões fora dele.

A última passagem pelo Palmeiras, por exemplo, começou como terminou: com polêmica. Ao mesmo tempo que era recebido por cerca de 5 000 palmeirenses em sua volta ao Palestra Itália, o atacante deixava para trás, no Cruzeiro, seu melhor momento profissional, de acordo com sua própria avaliação. Também deixava uma torcida magoada e que já havi sesentido traída com uma atitude do atleta: ainda no Cruzeiro, Kléber foi filmado na festa de uma torcida organizada palmeirense. Na ocasião, entoou canções da torcida e, mesmo recuperando-se de lesão, jogou uma pelada com seus integrantes. O então presidente cruzeirense, Zezé Perrella, saiu-se com esta para tentar acalmar os ânimos da torcida: “O torcedor tem que entender que ele namora os dois times, é um bígamo”.

A “bigamia” de Kléber, porém, pendeu para o Palmeiras. E sua saída de Minas foi vista por críticos como uma opção financeira. Fato que o incomoda. “No Brasil, o torcedor pensa que jogador vê sempre o lado financeiro. Não é. É a forma de tratamento do clube e do torcedor. Às vezes, o clube não cumpre o que promete [Kléber reclamou por não ter recebido, no Palmeiras, um aumento que lhe fora prometido logo que chegou ao clube]. Por onde passei, sempre quis ficar

muitas temporadas. Vim ao Grêmio para ter uma carreira de sucesso, cumprir meu contrato e ser feliz", diz o atacante, que assinou contrato de cinco anos com os gaúchos.

A CRISE DO AUMENTO

Mas Kléber não esconde que, no Palmeiras, uma proposta do Flamengo conturbou sua relação com o clube, onde considerou frustrante sua passagem: "Me frustrou, sim. Sempre gostei do Palmeiras. Tive proposta do Flamengo, que foi o que pegou. O que aconteceu com o D'Alessandro? O Inter quis ficar com ele [que tinha oferta do futebol chinês] e teve que ajustar o salário. Por mais que se goste do clube, tem que ajustar o salário! Foi o que o Inter fez. O Palmeiras não. Tratou a questão de forma indiferente. A reação dos torcedores [que ficaram ao lado de Felipão quando o técnico rompeu com o jogador] me surpreendeu: não fui mal no Palmeiras. A proposta do Flamengo foi no meio do ano, eu tinha 17 gols e acabei como artilheiro do time, mesmo ficando quase quatro meses sem jogar".

Em Porto Alegre, dinheiro não será problema: Kléber receberá cerca de 500 000 reais mensais, o maior salário do futebol gaúcho, ao lado de D'Alessandro. Em campo, além da boa qualidade técnica, seu estilo brigador tem a cara do futebol gaúcho e já caiu nas graças da torcida – que adotou o apelido de "Gladiador" até no grito dedicado ao atacante.

Aliás, é bom que se diga: apesar de guerreiro, agora habituado com a arbitragem brasileira, o atacante tem deixado de lado a fama de indisciplinado que o acompanhou no seu retorno ao Brasil. No Brasileiro de 2011, em seus 19 jogos pelo Palmeiras, não foi expulso. E não faltaram motivos para o atacante se irritar: Kléber teve a segunda maior média de faltas sofridas do torneio – 5,5 por jogo, menos apenas do que Neymar. O gremista vê com clareza os motivos que lhe deram fama de violento. "As pessoas me veem de diversas maneiras. O cara determinado, que quer vencer, ou o cara que é agressivo, violento. Tenho muita ambição de vencer, nunca aceitei perder. Desde criança, levo muito isso para campo, daí fico com a imagem de cara agressivo, que xinga e quer brigar."

©2

A esposa Débora: socos no banheiro

Personalidade, como se vê, não lhe falta. Tanto em campo como nas entrevistas, em geral contundentes e sinceras. "Jogador não fala o que pensa. E tem um monte de treinador que também é assim. Deveriam falar o que pensam e o que acontece de verdade. Vejo muito cara mentir. Vejo jogador falar uma coisa no vestiário e mentir na coletiva. Mostrar o que ➔

"NUNCA ACEITEI PERDER. DESDE CRIANÇA. E LEVO ISSO PARA CAMPO. AÍ FICO COM A IMAGEM DE AGRESSIVO, VIOLENTO."

©1 FOTO EDISON VARA ©2 FOTO FUTURAPRESS

TIMES, FEITOS E POLÊMICAS DO GLADIADOR

SÃO PAULO

2003 - 45 JOGOS / 10 GOLS

NENHUM TÍTULO

Não teve problemas no clube, mas saiu a contragosto. Por isso, desde que voltou ao Brasil, não perde oportunidades para cutucar seu primeiro clube. Disse, por exemplo, não ter motivo algum para um dia voltar a jogar no São Paulo. Também fez piadas referindo-se à sexualidade dos torcedores são-paulinos.

DÍNAMO DE KIEV

2003 A 2008 - 104 JOGOS / 37 GOLS

CAMPEÃO UCRANIANO EM 2004 E 2007

TRICAMPEÃO DA COPA DA UCRÂNIA - 2005/06/07

Talvez tenha esfriado a cabeça no gélido clima ucraniano, talvez tenha sido a dificuldade de comunicação. O fato é que não há registro de polêmicas do atacante na Ucrânia.

PALMEIRAS

2008 E 2010/11 - 122 JOGOS / 39 GOLS

CAMPEÃO PAULISTA EM 2008

Em 2011, antes de receber aumento salarial, foi acusado de não entrar em campo para evitar o limite de sete jogos que lhe impediria de se transferir ao Flamengo. Brigou com Felipão no vestiário e, depois, publicamente. Em uma entrevista, chamou o vice-presidente Roberto Frizzo de mau-caráter.

CRUZEIRO

2009/10 - 60 JOGOS / 38 GOLS

CAMPEÃO MINEIRO EM 2009

Ainda jogador do Cruzeiro, foi flagrado na festa de uma torcida organizada palmeirense, na qual cantou gritos de guerra e jogou uma pelada mesmo recuperando-se de lesão. Mais tarde, chamado de "mercenário" pela torcida cruzeirense, acabou retornando ao Palmeiras. Em um ano e três meses de Cruzeiro, recebeu seis cartões vermelhos (um deles logo na estreia, na qual marcou dois gols em 15 minutos).

GRÊMIO

2012 - 6 JOGOS / 4 GOLS*

NENHUM TÍTULO

Sua mulher, Débora Favarini, prestou depoimento na polícia alegando ter sido agredida pelo atacante. Contudo, ela deve retirar a queixa em breve.

* ATÉ 11/2

FALA MAIS, KLÉBER!

ATACANTE CRITICA A ARBITRAGEM NO BRASIL, PEDE REFORÇOS PARA O GRÊMIO, RECLAMA DA HISTERIA EM TORNO DO FAIR PLAY E SONHA COM UM GRANDE TÍTULO

Como foi ser a principal contratação do Grêmio em um ano emblemático para o clube, que vai inaugurar novo estádio?
Fiquei feliz e emocionado com o projeto. O salário é muito bom, não vou mentir, mas não foi só isso que me fez vir para cá. O projeto todo, o novo CT, a Arena e um time competitivo. Ainda que o Grêmio não tenha conseguido formar um time tão bom neste momento. Perdemos jogadores, alguns negociados, outros por lesões. A diretoria vai se esforçar para trazer mais gente. Nosso objetivo é pelo menos um título de expressão agora, mas o principal é o ano que vem, quando a Arena será inaugurada e precisaremos estar na Libertadores.

Você tem recebido muitas pancadas no Gauchão?
Não. Tinha uma visão que a turma chegava mais aqui, mas não é assim. O nível não é baixo como se pensa. Não vi muita diferença dos times grandes para os menores, é semelhante a Minas e São Paulo.

A performance do time na temporada até agora o frustrou?
Sim, não vou negar. A saída do Rochemback, um cara que impõe respeito em campo, a do Douglas, pela qualidade técnica. O Miralles, que a gente não sabe se sai ou fica. Mário Fernandes, Julio Cesar, Sorondo, Vilson, todos lesionados. Frustra um pouco porque, se estivesse tudo encaixado, estaríamos em um momento melhor. Precisamos de mais jogadores para ter um grupo bom.

O que você acha da arbitragem brasileira?
Tive problemas no meu retorno ao Brasil. Expulsões em série, porque o jogo na Europa é diferente, mais corrido. Mas nossa arbitragem tem melhorado. O [Leandro] Vuaden é um bom juiz, gosto quando ele apita. Ele é de deixar seguir o jogo, não marca qualquer falta, está mais perto do estilo da Europa. O problema é que Minas tem um jeito de apitar, São Paulo tem outro, o Rio tem um terceiro. Não há padrão. Em um lugar qualquer coisa é falta, no outro não é. E no Brasileirão mistura tudo!

O fair play atrapalha o futebol brasileiro porque por aqui o jogador é malandro?
Tem jogador que cai para segurar o jogo. Não podemos copiar a Europa em tudo. Lá, o jogador não cai para fazer cera. Naquele jogo [Palmeiras x Flamengo], a bola era nossa, os caras não a jogaram para fora e o jogo parou para que um deles fosse atendido. Pedi a bola e não me atenderam. Me senti prejudicado. Não sei se faria de novo [Kléber correu com a bola em direção ao gol], fiquei chateado, me julgaram sem saber o que houve. Na imprensa, tem torcedor que fala com o coração.

Você tem uma carreira em grandes clubes, mas ainda falta um título de expressão, não?
Falta mesmo. Meu melhor momento foi no Cruzeiro. Mas não depende só dos jogadores. No Palmeiras de 2008, tínhamos um baita time, vencemos o Paulistão e tínhamos tudo para vencer o Brasileiro, mas a janela do meio do ano quebrou o time. No Cruzeiro, tive tudo para ser campeão: a Libertadores de 2009 [final perdida para o Estudiantes, de virada, no Mineirão] dói demais. Nosso time era muito superior. Mas faltou maturidade. Em vez de segurar o resultado, tentamos golear. É uma derrota que dói até hoje em todo aquele grupo.

Como você está vendo a rivalidade gaúcha do Grenal?
É o clássico de maior rivalidade do Brasil. Quero ter êxito contra o Inter, mas o Grêmio precisa pensar em vencer um Brasileirão, voltar à Libertadores. O Inter joga Libertadores há três anos, está acostumado a disputar. O Grêmio é um time copeiro, tem que voltar a jogar também, até que um dia vença a Libertadores de novo. O Inter se espelhou no Grêmio na década de 90 para ter sucesso. O Grêmio perdeu espaço e tempo, precisa recuperar. Está recuperando. Com o estádio e o time, está voltando a pensar como o Grêmio dos anos 90.

©1

Kléber quer sumir sob a camisa após a derrota do Cruzeiro para o Estudiantes, em 2009, na final da Libertadores: "Dói até hoje"

©2

não é, tentar passar imagem de bom moço... Me incomoda! Não cobro, cada um sabe o que faz, mas deveriam ser mais autênticos", diz.

Kléber já é visto como líder no atual elenco gremista. O técnico Caio Júnior não perde a chance de elogiá-lo por sua postura e "espírito de liderança". Mas o mesmo espírito não foi motivo de elogios do último técnico do atacante. Uma semana após a venda de Kléber ao Grêmio, Felipão, treinador do Palmeiras, usou ironia para rebater frases do atacante, segundo o qual o elenco palmeirense estaria contra o técnico: "Não são todos que vão gostar da forma como eu trabalho, mas são muito mais os que gostam. Isso é normal. Mas, desde a semana passada, o ambiente voltou a ser igual ao do primeiro turno e do Paulista, não sei por quê", disse, referindo-se à saída de Kléber. Coincidência ou não, de fato, desde que o atacante deixou o Palmeiras, o time se afastou das derrotas: eram 13 jogos de invencibilidade até a oitava rodada do Paulista.

©2

©2

©2

©3

Kléber no Dínamo *(foto maior)* e defendendo o São Paulo, o Cruzeiro, o Palmeiras e o Grêmio: gols e confusões

Questionado sobre Felipão, Kléber não esconde o que o incomodou: "Ele tem uma história bacana no futebol, mas me surpreendeu. Aquela coisa de proteger o jogador, ser paizão, família Scolari... Eu tinha essa imagem e não foi o que aconteceu. Ele sempre dizia que o time era de casados contra solteiros, que em 20 anos de carreira nunca tinha deixado de acertar um time, que não conseguia fazer uma salada de frutas com o time que tinha... Deixava o grupo chateado! Sempre fui contra essas declarações à imprensa, deveriam ser ditas no vestiário, mas não foram. Essa forma de se comportar, colocando a culpa nos jogadores, via imprensa, não foi legal. Lavar roupa suja é no vestiário".

Felipão e Palmeiras, de qualquer forma, são passado. E Kléber tem no Grêmio condições de voltar a ser o jogador decisivo que foi no Dínamo-UCR, no Palmeiras de 2008 ou no Cruzeiro. Porque conta com apoio irrestrito dos torcedores e do técnico Caio Júnior. Porque tem 28 anos, ainda com condições físicas e técnicas para exibir seu melhor futebol. Porque parece ter evoluído disciplinarmente. E porque mesmo do seu primeiro entrave fora de campo em Porto Alegre o atacante deve se livrar logo. O laudo sobre a suposta agressão a Débora Favarini deve sair no fim de fevereiro. Se configurada lesão, o atacante pode ser indiciado, o que, contudo, não deve ocorrer: segundo PLACAR apurou, Débora deve retirar a queixa. E Kléber, que não comenta o assunto, ficará livre de punição.

Nesse panorama, ainda que seu companheiro Marcelo Moreno tenha jogado até mais no início da temporada, Kléber continua sendo a grande aposta. O presidente Paulo Odone viu na sua contratação uma oportunidade de recuperar o prestígio com a torcida e, não à toa, improvisou um espaço para apresentá-lo dentro da nova Arena. E é Paulo Pelaipe, diretor de futebol, quem ratifica toda confiança no atacante: "Kléber tem se mostrado profissional ao extremo, estamos muito satisfeitos. Ele vem nos ajudando bastante e temos certeza de que será um dos grandes nomes da temporada no Brasil". Que Kléber será um dos nomes mais comentados do futebol brasileiro em 2012, ninguém duvida. Mas a torcida gremista espera que seja apenas por seus feitos em campo.

©1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI ©2 FOTO AFP ©3 FOTO EDISON VARA

Cadê meu jogo

ENTRADA DA **FOX SPORTS** NO MERCADO BRASILEIRO ESQUENTA A GUERRA ENTRE OS GRUPOS DE MÍDIA PELOS DIREITOS DE TRANSMISSÃO DOS EVENTOS ESPORTIVOS. MAS, POR ENQUANTO, O TORCEDOR SÓ SAIU PERDENDO...

POR ERICH BETING
DESIGN ROGÉRIO ANDRADE

Doze anos depois, a história se repete. O torcedor se prepara para assistir aos jogos de seu time na Copa Libertadores e, quando vai ligar a televisão, descobre que seu pacote de TV por assinatura não tem o único canal detentor dos direitos de transmissão. Começa o corre-corre, com a interminável espera na linha telefônica para conseguir liberar o canal ou, pior, a informação de que, para sua região, o tal canal não está disponível.

O filme é parecido com o que viveram palmeirenses e corintianos em 2000, mas agora atinge também torcedores de Flamengo, Fluminense, Internacional, Santos e Vasco. Se mudaram os atores da atração, a trama tem como pano de fundo o mesmo motivo: em 2012, tal qual no início do milênio, uma nova emissora de esportes decidiu entrar com força no mercado brasileiro de TV a cabo, e isso tirou do torcedor o acesso ao torneio de maior importância no primeiro semestre.

Se, em 2000, a PSN era a "vilã" da história, agora é o FOX Sports quem mexe com a indústria dos direitos de transmissão do esporte para a TV por assinatura no Brasil. O canal ligado ao grupo News Corporation, do magnata Rupert Murdoch, é o detentor exclusivo dos direitos de exibição da Libertadores. Só que, até agora, não são todas as operadoras de TV a cabo que contam com o FOX Sports em sua grade de programação. Pior que isso, quase 70% dos lares que possuem TV por assinatura no Brasil ainda não sintonizam o canal.

A ausência é resultado de mais um embate na guerra pelos direitos de transmissão esportiva, principal fonte de arrecadação de clubes e entidades esportivas no mundo todo. No Brasil, após uma década de uma espécie de duopólio de SporTV (ligado às Organizações Globo) e ESPN (de propriedade do Grupo Disney) pelos principais eventos, a FOX chegou com apetite e caixa aparentemente inesgotáveis. "Nós planejamos estar em todos os eventos importantes do calendário esportivo", afirma Eduardo Zebini, vice-presidente do FOX Sports Brasil.

Desde a metade de 2011, a estratégia do canal foi entrar com força na negociação dos direitos de transmissão dos principais torneios de futebol do mundo no país. O maior trunfo é a posse dos direitos exclusivos para a TV fechada das Copas Libertadores e Sul-americana, fruto de acordos com a Conmebol, e, a partir do segundo semestre, do Campeonato Italiano.

Jogo duro

A estratégia é parecida com a da PSN quando veio ao Brasil, em 2000. E, tal como daquela vez, a sede de dominação do mercado brasileiro esbarra num outro problema: a concorrência já estabelecida por aqui. Com a intransigência da FOX em deter a exclusividade sobre a Libertadores, a primeira rusga já foi criada. A decisão afetou diretamente a programação do SporTV, canal esportivo com o maior alcance do mercado brasileiro e que, até o ano passado, recomprava da FOX os direitos sobre o torneio.

A decisão fez com que as duas operadoras de TV a cabo de maior penetração no país, NET e SKY (que juntas têm 67% de participação no mercado), endurecessem o jogo para liberar a entrada do Fox Sports em sua grade. Com isso, a estreia em 5 de fevereiro foi marcada por protestos dos telespectadores.

©1 ILUSTRAÇÃO JONATAN SARMENTO

ORGANIZAÇÕES GLOBO
GLOBO
SKY
A Globo tem participação na NET e SKY
NET
BAND
TV Globo e Esporte Interativo transmitem a Liga dos Campeões da Uefa
TV Globo repassa para a Band Copa do Brasil, Estaduais, Brasileiro e Sul-americana, além da série B, Eurocopa e Liga dos Campeões
SPORTV
REDE TV
EI
RedeTV! e EI transmitem Liga Europa, Italiano e Inglês
BAND SPORTS
SporTV e BandSports transmitem juntos o Português
ESPN e SKY transmitem o Espanhol
SKY e NET bloquearam a entrada da Fox nos pacotes
SporTV e ESPN são concorrentes mas, na temporada atual, formam parceria na trasmissão da Copa do Brasil (SporTV) e do Italiano (ESPN)
ESPN e BandSports transmitem o Alemão
FOX quer comprar o BandSports
FOX repassa Libertadores para a TV Globo – 1 jogo por semana
FOX tirou a Libertadores da SporTV
FOX SPORTS
FOX repassa o Inglês para a ESPN...
... mas tirou o Campeonato Italiano
ESPN
SPEEDY
CONFUSÃO NO AR
HÁ MUITO MAIS INTERESSES POR TRÁS DAS TRANSMISSÕES DO QUE IMAGINA SEU INGÊNUO CONTROLE REMOTO
NEWS CORP
Rupert Murdoch é o dono da News Corp, que é dona da FOX

PSN, A BREVE

Ligada ao fundo de investimentos HMTF, a PSN estreou no Brasil em 15 de fevereiro de 2000, com a transmissão de Palmeiras x The Strongest, pela Copa Libertadores. Detentora exclusiva dos direitos da competição, foi a única a mostrar os jogos de Corinthians e Palmeiras até as quartas de final. No ano seguinte, já com o projeto brasileiro colocado em segundo plano após ter sido vetada a compra de times de futebol no país, a PSN repassou os direitos sobre algumas competições e, em 2002, teve sua falência decretada. Curiosamente, a Fox aproveitou e comprou, naquele ano, os direitos de transmissão da Libertadores para o Brasil. Desde então, os repassava ao SporTV.

Por trás disso está a participação acionária das duas operadoras. Tanto a NET (que detém 37% do mercado de assinantes do Brasil) quanto a SKY (que tem outros 30%) têm entre os sócios a Globosat, dona do SporTV e braço das Organizações Globo. Se a Fox insistiu na exclusividade da Libertadores, agora sofre para estar dentro das duas principais operadoras, o que significa não aparecer em quase 8 milhões dos 12 milhões de lares que possuem TV por assinatura no Brasil. O sinal da emissora está restrito aos pacotes das operadoras CTBC, GVT, NEO TV, Nossa TV, Oi TV, RCA, Telefonica e TVA. Na queda de braço entre os dois, quem perdeu foi o torcedor. A história ainda não tem prazo para chegar a um final feliz. NET e SKY afirmam que estão negociando um acordo para colocar o FOX Sports em sua grade de programação, mas não dão previsão de quando isso acontecerá.

Nos bastidores, porém, o mercado de direitos de transmissão vive um período de agitação sem paralelo. Em setembro, a ESPN celebrou a manutenção dos direitos sobre seu principal torneio, a Liga dos Campeões da Uefa. Numa dura disputa com o FOX Sports, a emissora valeu-se de sua relação de quase duas décadas com a entidade europeia para não perder o torneio no Brasil. Nos campeonatos Inglês e Italiano, porém, a disputa foi vencida pelo canal de Murdoch. Na próxima temporada, que começa no segundo semestre, a ESPN ainda vai mostrar cinco jogos por rodada da Premier League inglesa. Mas, a partir de 2013-14, é a FOX quem deterá os direitos exclusivos.

Mas foi a compra dos direitos sobre o Italiano que mostrou o quanto o mercado mudou. O canal conseguiu a exclusividade para exibir o torneio em toda a América Latina por três temporadas, em todas as mídias. Para isso, pagou 40 milhões de dólares, dos quais 25 milhões foram pelos direitos em território brasileiro.

A compra do Campeonato Italiano é mais uma aposta da FOX para conseguir dobrar as operadoras de TV e, finalmente, entrar com seu canal na maioria dos lares. O projeto da emissora é, em três anos, dobrar de tamanho (em faturamento e número de assinantes) no mercado brasileiro graças à operação do FOX Sports. A meta é fazer com que o canal esteja em cerca de 9 milhões de lares (ou 75% de todo o mercado de TV por assinatura do Brasil) até 2014. "O Brasil é a região com maior potencial de mercado fora dos Estados Unidos", diz Carlos Martinez, presidente da FOX International Channels.

O apetite dessas empresas sobre o Brasil é justificável e deve aumentar nos próximos anos. Desde 2009, segundo a Anatel, que regulamenta o serviço de TV por assinatura no país, o mercado cresceu cerca de 40%, com 5 milhões de novos lares com TV paga. Apenas em 2011, foram quase 3 milhões de domicílios que passaram a ter um serviço pago de televisão, fazendo do Brasil um dos países com o maior crescimento do serviço de TV por assinatura no mundo.

VAI PASSAR?

EVENTOS ESPORTIVOS: VEJA ONDE ASSISTIR O QUÊ

CAMPEONATO	Globo	Record	RedeTV!	Band	SporTV	BandSports	ESPN	FOX Sports	EI	SKY
LONDRES-2012		*			*	*	*			
CONFEDERAÇÕES-2013	*				*					
COPA-2014	*			*	*	*	*			
RIO-2016	*	*		*	*	*	*			
COPA LIBERTADORES	*							*		
COPA SUL-AMERICANA	*			*				*		
ELIMIN. SUL-AMERICANA					*					*
AMISTOSOS SEL. BRAS.	*									
BRASILEIROS A/ B / EST	*			*	*					
COPA DO BRASIL	*			*	*		*			
LIGA DOS CAMPEÕES	*			*			*		*	
LIGA EUROPA			*				*		*	
EUROCOPA	*			*	*					
PORTUGUÊS					*	*				
ALEMÃO					*		*		*	
ITALIANO			*		*			*	*	
INGLÊS			*				*	*	*	
ESPANHOL							*			*
C. ESPANHA										*
C. FRANÇA/ALEMANHA									*	
C. INGLATERRA							*			

GALO FORTE E BRIGADOR

APÓS ENTORNAR GRANA E QUEBRAR A CARA COM TIMES ESTELARES, O ATLÉTICO-MG APOSTA NA VOLTA DE **DANILINHO** E NO RESGATE DO FUTEBOL COPEIRO PARA APAGAR 40 ANOS DE AZAR

POR ***BREILLER PIRES***
DESIGN ***L.E. RATTO***
FOTO ***EUGÊNIO SÁVIO***

Nos últimos dois anos, a Cidade do Galo, que figura no topo da lista dos melhores centros de treinamento do Brasil, abrigou um grupo de jogadores cobiçados. Por lá passaram nomes como Diego Souza e Daniel Carvalho, que hoje são destaques com as camisas de Vasco e Palmeiras, respectivamente. No Atlético-MG, a dupla, juntamente com os não menos rodados Fábio Costa e Jóbson, ficou abaixo das expectativas e enterrou outra leva da "Selegalo" – termo utilizado para batizar o supertime encabeçado por Luís Carlos Winck, Neto e Renato Gaúcho que fracassou em 1994.

Resignados com os seguidos insucessos dos times de estrelas, torcedores atleticanos chegaram a cunhar a expressão "Spa do Galo" para se referir ao clube, que amparava jogadores fora de forma e pouco produtivos em campo. A frustração ganhou contornos de tragédia na rodada final do Campeonato Brasileiro de 2011, quando o Atlético tinha a chance de rebaixar o rival Cruzeiro, mas sofreu uma goleada de 6 x 1. O vexame obrigou a diretoria a repensar a política pouco eficaz de contratações milionárias. O Galo, enfim, desistiu dos medalhões.

Para o presidente Alexandre Kalil, a era dos supertimes e a última Selegalo são página virada no clube. "Aprendemos a lição de dois anos de fracasso. Mantive a base do time e vou ser mais criterioso nas contratações. A crítica toda dizia que era preciso manter treinador, comissão técnica e jogadores, e eu o fiz. Se não der certo agora, não tem explicação", afirma. Ainda engasgado com o 6 x 1 contra o Cruzeiro, Kalil economiza nas palavras ao se referir aos medalhões que não vingaram com a camisa alvinegra. "Eu não posso falar do passado, senão vou xingar muito."

Apesar dos protestos e vaias da torcida logo no primeiro jogo oficial da temporada, o time que entrou em campo na vitória por 2 x 0 sobre o Boa Esporte pela estreia no Campeo-

SELEGALO NUNCA MAIS

ESTRELAS APAGADAS E DINHEIRO PELO RALO: SUPERTIMES FICARAM SÓ NO PAPEL

1994
A primeira Selegalo, de Luís Carlos Winck, Adilson Batista, Neto, Gaúcho e **Renato Gaúcho**, despertou a sede de títulos da torcida. Porém, após perder o Mineiro para o Cruzeiro, o apanhado de estrelas, que atuou melhor na noite de Belo Horizonte do que em campo, passou em branco na temporada.

2001
Então diretor de futebol, Kalil bancou um pacotão com Baiano, **Felipe**, Djair, Ramon Menezes e Valdo para se juntar às referências do time vice-campeão brasileiro em 99 (Velloso, Marques e Guilherme). O time chegou a ter todos os 11 titulares com passagem pela seleção brasileira, mas os títulos, mais uma vez, não vieram.

No retorno ao Galo, Danilinho promete time "chato" e campeão

©1

VEJO NESTE GRUPO A MESMA UNIÃO DE 2006. O TIME ESTÁ PEGANDO A CARA DO GALO, QUE É DE RAÇA E VONTADE. VAMOS ATRÁS DE UM TÍTULO DE EXPRESSÃO ESTE ANO. É OBRIGAÇÃO

Danilinho, *o amuleto do título da série B*

nato Mineiro refletiu a mudança em relação aos dois anos anteriores. Na escalação, nada de estrelas, e apenas três caras novas: o zagueiro Rafael Marques, o volante Leandro Donizete e o meia argentino Escudero, que custaram juntos 1,6 milhão de reais. A missão para 2012 é apagar o trauma dos jogadores badalados com a montagem de um "time de operários" com garra para o Atlético, que carrega no hino o ideal imperativo de "lutar, lutar, lutar com toda nossa raça pra vencer".

O técnico Cuca, que abriu mão da renovação do atacante Magno Alves e chancelou a troca de Daniel Carvalho pelo volante Pierre com o Palmeiras, é o mentor do perfil mais modesto – sem astros, porém brigador – da equipe. "Essa é a maneira que eu gosto de trabalhar. Plantel enxuto, time rápido, com pegada e sem grandes estrelas. Assim fica mais fácil dar uma 'lustradinha' no jogador para que ele brilhe com a equipe", explica o comandante, que incentivou a cúpula alvinegra a pisar no freio das contratações de impacto.

O reforço mais caro para a temporada foi o meia-atacante Danilinho, emprestado pelo Tigres-MEX por 1,8 milhão de reais até o fim de 2012.

©3

2010

Kalil, já como presidente do clube, contratou medalhões como **Diego Souza**, Daniel Carvalho e Fábio Costa para fazer companhia ao artilheiro Diego Tardelli. No banco, o técnico era Vanderlei Luxemburgo. A folha salarial engordou: 3 milhões de reais. O time, porém, só brigou para fugir do rebaixamento no Brasileirão.

©1

2011

Diego Souza foi embora, mas o clube não poupou cifras para encorpar o elenco. Chegaram Jóbson, Richarlyson, Magno Alves, Dudu Cearense, André, os ex-cruzeirenses Leonardo Silva e Guilherme e o repatriado **Mancini**. O gasto de 28 milhões de reais não evitou a perda do Mineiro e os 6 x 1 para o Cruzeiro.

©1 FOTO EUGÊNIO SÁVIO ©2 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI ©3 FOTO RENATO PIZZUTTO

Em 2006, ele já havia liderado o clube no retorno à elite com a conquista da série B e volta para personificar a nova faceta do Atlético. “Vejo nesse grupo a mesma união de 2006. O time está pegando a cara do Galo, que é de raça, vontade e 90 minutos de dedicação. Vamos atrás de um título de expressão este ano”, diz.

Em pouco mais de três anos no México, Danilinho foi capitão no Jaguares e, em 2011, o principal jogador do Tigres na conquista do Campeonato Mexicano, que o clube não ganhava havia 29 anos. Ao seu futebol de destreza e velocidade, incorporou a disposição que Cuca exige ver no Galo este ano. “No Brasil, o negócio é jogar com a bola no pé, driblar, fazer gol bonito... O futebol mexicano é mais pegado, exige muita vontade. Tive que aprender a marcar e a defender. Espero que minha experiência no México ajude o Atlético.”

Para apimentar o tempero mexicano trazido por Danilinho, o Galo buscou o argentino Escudero, que foi revelado pelo Vélez Sarsfield e disputou o último Brasileirão pelo Grêmio. De cara, o meia ocupou a vaga no meio-campo deixada por Daniel Carvalho e encheu os olhos da torcida atleticana. “Temos um time técnico, mas também de muita combatividade, característica semelhante à com que eu me acostumei na Argentina e até mesmo no futebol gaúcho. É um estilo que me agrada e torna a equipe competitiva”, diz o argentino. A postura de time copeiro empolga jogadores de defesa e carregadores de piano do elenco, que sofreram na última temporada com a apatia dos homens de frente na marcação.

Pierre é a veia pulsante do time de Cuca. Conhecido por incendiar preleções nos seus bons tempos de Palmeiras e pelo fôlego à frente da área na proteção da zaga, ele também prega a receita de raça e pegada para colocar ordem no terreiro do Galo. “O Atlético tem tradição de contar com jogadores guerreiros. O torcedor atleticano faz questão de um time raçudo. Eu cheguei no ano passado e acho que os santos bateram. Eu sempre tive um espírito aguerrido. A equipe está se enquadrando nesse perfil”, afirma Pierre.

Embora a atitude em campo seja diferente, uma coisa, no entanto, segue inalterada no Atlético: a cobrança por grandes conquistas. “Depois que voltei ao clube, parece que a pressão dobrou. Nas ruas, os torcedores já me cobram títulos. Tenho uma responsabilidade maior agora”, conta Danilinho. Formado na base do Galo, o volante Rafael Miranda, campeão da Segundona em 2006 e hoje no Marítimo-POR, lembra que o jejum do time mineiro em grandes compe-

BAIXINHOS CASCUDOS

ATLÉTICO CONFIA EM PEQUENOS OPERÁRIOS PARA SER GRANDE DE NOVO

PIERRE Obstinado e valente na marcação, consertou o meio-campo e fez o time cantar de galo na reta final do Brasileiro – à exceção no clássico dos 6 x 1

DANILINHO No Tigres, do México, quebrou um jejum de 29 anos sem troféus. É o cara que chega para tirar o Galo da fila que já dura mais de quatro décadas

BERNARD Cria da base atleticana, o meia de 19 anos surgiu na equipe principal em 2011 após a chegada de Cuca e virou contraponto aos renegados medalhões do passado

Escudero é o toque de classe e pegada argentina no Galo

tições – o primeiro e único título brasileiro data de 1971 – é um carma há várias gerações. E só pode ser amenizado com altas doses de transpiração. "Quando jogamos a segunda divisão, o clube reduziu salários e formou um time sem estrelas. Descobrimos que não era difícil agradar os atleticanos. Você pode até não jogar bem, mas tem que se sacrificar em campo. É o que basta para a torcida do Galo aplaudir", explica Rafael.

O time campeão de 71, que tinha como goleador o folclórico, desengonçado e implacável Dadá Maravilha *(veja quadro ao lado)*, também serve de inspiração para 2012. Sem craques de renome no elenco, a estrela do Atlético na época assistia aos jogos do banco: o principiante Telê Santana, que anos mais tarde se consagraria como um dos maiores técnicos do Brasil. "Espero que o Galo tenha a mesma sorte e a competência da equipe de 71", diz Pierre. "Vontade em campo não vai faltar. A torcida está ansiosa, mas a cobrança precisa partir de dentro do grupo. Pela tradição do clube, passou da hora de o Atlético voltar a ser vencedor."

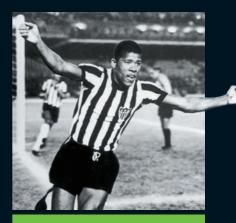
Mas no manejo para recuperar a confiança da torcida, abalada com o desfecho desastroso de 2011 diante do maior rival, a primeira cartada não pode demorar, sob o risco de colocar em xeque uma temporada que promete mais raça e entrega do que o glamour de jogadores de grife do passado recente. "A única forma de tirar esse peso das costas são as vitórias. Vamos ganhar o Mineiro, diminuir a pressão e entrar forte no Brasileiro", afirma Danilinho. Já o técnico Cuca não assume a promessa de quebrar o jejum de 41 anos do Atlético sem títulos nacionais, mas crava um prognóstico de alento. "Não sei se vai ser campeão ou vice, mas o Galo tem tudo para fazer uma boa temporada. Com certeza não será um ano sofrível como 2011."

Outros reforços ainda podem pintar, mas os medalhões estão momentaneamente descartados. A torcida chiou, o presidente trancou o cofre, deu bronca, e o Galo agora tenta retomar sua essência de time encardido, bicudo. Para voltar a honrar o nome de Minas, ao menos, no cenário esportivo nacional.

©1 FOTO BRUNO CANTINI / CLUBE ATLÉTICO MINEIRO

GALO BOM TEM QUE MORDER

HERÓI DE 71, DADÁ PÕE TÍTULO NA CONTA DA RAÇA ALVINEGRA

Protagonista da única conquista nacional do clube, Dadá Maravilha era assumidamente um centroavante limitado, mas oportunista. Com 15 gols – um deles o do título, contra o Botafogo –, ele foi o artilheiro daquele Brasileiro de 1971. Frustrado com as últimas temporadas do time, o ídolo atleticano diz ter a "solucionática" para o Atlético superar a seca de títulos. "A bola parada é fundamental. No time de 71, quando o Oldair cobrava falta, era meio gol." Dadá conta que também se decepcionou com as estrelas que andaram de crista alta pelo Galo. "Tinha jogador que andava em campo. A equipe deste ano mostra mais empenho. O Danilinho, por exemplo, não tem frescura, bota o pé em dividida." Para o artilheiro que pregava o ditado "não existe gol feio, feio é não fazer o gol", o clube tem de resgatar o espírito de luta dos jogadores. "O time de 80, do Reinaldo, era muito melhor que o de 71, mas o nosso foi mais objetivo. Não tinha bola perdida pro Dadá. As pessoas me paravam na rua e diziam: 'Pô, Dadá, seu time corre pra c...'"

Dadá: bastião de um título remoto

VERMELHO PARA PELÉ

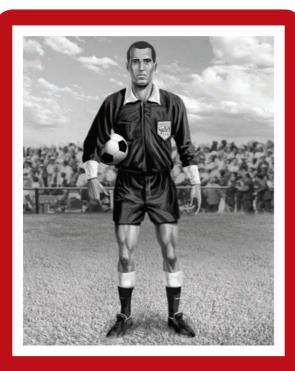
COMO UM TÍPICO JUIZ BRASILEIRO REAGIRIA ÀS ATITUDES DO REI NA FINAL DA COPA DE 70? PLACAR FOI ATRÁS DA RESPOSTA E O RESULTADO É O PIOR POSSÍVEL...

POR MARCOS SERGIO SILVA E MAURÍCIO BARROS
DESIGN GABRIELA OLIVEIRA
ILUSTRAÇÕES ÉBER EVANGELISTA

O cronômetro marca 5 minutos do segundo tempo no Estádio Azteca, Cidade do México, quando o alemão Rudolf Gloeckner mostra o quarto cartão amarelo do jogo. Brasil e Itália empatam em 1 x 1 a final da Copa de 1970. Gloeckner já havia dado cartão para os brasileiros Rivellino e Pelé e o italiano Burgnich. De novo, o amarelo é mostrado ao camisa 10 brasileiro. A matemática da bola diz que a soma de dois amarelos dá vermelho. E a Copa acaba ali para Pelé. O Brasil terá que se virar sem ele para levar o tri.

Felizmente, a cena acima não aconteceu, e o Brasil venceu a final por 4 x 1, sem que o Rei recebesse qualquer advertência. Mas se o jogo fosse apitado por um típico juiz brasileiro de hoje (e com as regras atuais dos cartões), seria tragédia na certa. A "tolerância zero" de nossa arbitragem saca o amarelo do bolso a cada toque, violento ou não, simulação ou tombo casual. Qualquer estranhamento entre atletas é punido com vermelho. Esquece-se de que o futebol é um jogo de contato, com emoções à flor da pele. Esse critério (ou falta de) faz com que o jogo não flua e incentiva a simulação. Nossos atletas ficam mal-acostumados e sofrem quando jogam na Europa. Os que voltam de lá, por sua vez, demoram a se readaptar à presença excessiva do apito.

Um exemplo: o Brasileiro de 2011 teve o mesmo número de jogos que a Premier League inglesa de 2010-11. Aqui, 2045 cartões amarelos e 141 vermelhos foram distribuídos. Lá, foram 1238 amarelos e 64 vermelhos. Um terço a mais de amarelos e o dobro de expulsões.

PLACAR assistiu aos 90 minutos da final de 1970 com um olhar de juiz tipicamente brasileiro, o fictício Gute Júnior (Gutemberg Abade Pena Júnior), e contou com a ajuda do ex-árbitro Leonardo Gaciba na análise. Em seis oportunidades, nosso juiz não toleraria as reclamações, simulações e mesmo o toque para o gol de Pelé depois de um impedimento marcado. A maior parte dessas atitudes mereceria um amarelo, que culminaria com a expulsão. Vire a página e veja quanta lambança.

QUE JUIZ É ESSE?

ÁRBITROS COMO O INVENTADO POR PLACAR IMPERAM NO BRASIL

Gutemberg Abade Pena Júnior, o Gute Júnior, é uma invenção de PLACAR, inspirada no "árbitro médio" do Brasil. Muitos desses juízes são mais jovens que vários jogadores. No último Brasileirão, Flávio, goleiro do América-MG, aos 41 anos, era mais velho que nada menos que 18 dos 22 árbitros que começaram o torneio. Bons atletas, esses juízes estão em forma e correm o tempo todo (embora nem sempre estejam no lugar certo...). Só que árbitros inexperientes, com menos partidas no currículo, costumam abusar da distribuição de cartões amarelos na tentativa de mostrar controle do jogo. Isso é comprovado pelo histórico dos árbitros no Campeonato Brasileiro. Aqueles com menos de 100 partidas dão em média seis cartões amarelos a cada 90 minutos. São os chamados juízes intervencionistas. Costumam apitar tudo, ao menor sinal de contato entre jogadores. E ai de quem reclamar. Uma discordância mais acintosa vai merecer amarelo, claro! E, dependendo da marra, a bronca é sempre com a estrela da partida. Quem se acha o "Pelé" do apito dificilmente deixaria de implicar com o Pelé de verdade...

LANCE 1: SOLADINHA

O meia italiano Giancarlo De Sisti sofre uma entrada de Pelé. Uma solada de frente, a primeira das jogadas polêmicas do Rei na final da Copa de 1970. Gute Júnior apita falta e resolve a questão com uma leve bronca no Rei. "Soladinha. Resolvi adverti-lo verbalmente", diria o juizão fictício. "A regra é claramente mais rigorosa nos tempos atuais", observa o comentarista de arbitragem do SporTV Leonardo Gaciba, que assistiu ao jogo a pedido de PLACAR. "Ela protege os atletas desse tipo de entrada. Notei que, em 1970, mesmo as entradas por trás não eram punidas com cartão amarelo. E, invariavelmente, elas provocavam estragos nos adversários", diz.

LANCE 2: FALTINHA BÁSICA

Pelé já havia feito o primeiro gol, de cabeça, aos 18min. Dois minutos depois, ele tenta a jogada individual à direita da entrada da área, mas é desarmado pelo lateral Tarcisio Burgnich. Ele interrompe a passagem do italiano com falta. "Pelé segurou o cara. Perdeu a bola e resolveu matar a jogada. Mas o fez com elegância. Deixei seguir", relata Gute Júnior. O alemão oriental Rudolf Gloeckner, o árbitro real, também deixou o jogo correr. Gaciba diz que, até ali, ele havia tido pelo menos uma oportunidade de sacar o amarelo para Carlos Alberto, por uma entrada violenta aos 17min. Aos 35min, nova jogada brusca do capitão. "E nada de cartão", observa.

LANCE 3: CERA BRABA

Pelé arranca pela direita, mas é interrompido pelo lateral Burgnich. O juiz aponta a falta, assinalando cartão amarelo para o italiano. O Rei valoriza a queda. Rola por 47 segundos no chão até levantar-se. O alemão Gloeckner convoca a maca duas vezes, mas ela não leva o Rei. "O Pelé ficou no chão valorizando. Saquei na hora que era cera. Fiz com a mão pra ele levantar dali. Ele levantou e saiu andando normalmente. Pura fita. Está me irritando, esse cara...", resmunga Gute Júnior. "Pelé não simulava, mas valorizava as faltas sofridas, especialmente quando o Brasil tinha vantagem no marcador", comenta Leonardo Gaciba.

LANCE 5: IGNOROU O APITO

Aos 37min, o Brasil sofre o empate de Boninsegna, em bobeada de Clodoaldo. Aos 43, Rivellino é advertido com um cartão amarelo. "Ele 'deixou' a perna contra a perna do italiano De Sisti, e o árbitro flagrou", comenta Gaciba. Na cobrança de falta, Gloeckner assinala impedimento de Pelé, que reclama, continua a jogada e completa para o gol. Fosse no Brasileiro, o Rei correria risco de novo. Os árbitros daqui adoram punir a "falta de respeito". Mas nosso Gute Júnior está bonzinho e segura. "Eu tinha apitado impedimento, ele reclama e ainda por cima chuta para o gol? Calma, respira fundo, segura. Mas da próxima esse cara não passa..."

LANCE 4: PISÃO AMARELADO

O lateral brasileiro Everaldo recebe passe de Gerson, avança e chuta em cima de Tostão, dentro da área. Pelé tenta pegar o rebote e mata mais uma vez o contra-ataque italiano com uma entrada abrupta no italiano De Sisti. Nas contas de Leonardo Gaciba, são quatro faltas cometidas por Pelé no primeiro tempo contra duas sofridas pelo meia-atacante. Gute Júnior não se conforma com o jogo sujo do Rei e saca o cartão do bolso. "Ele entra absurdamente de sola no De Sisti, que ficou estrebuchando no chão. Amarelo na hora, e com viés de vermelho. Mais uma e ele vai conhecer o que é chuveiro", relata o avatar, irritado com o comportamento da realeza.

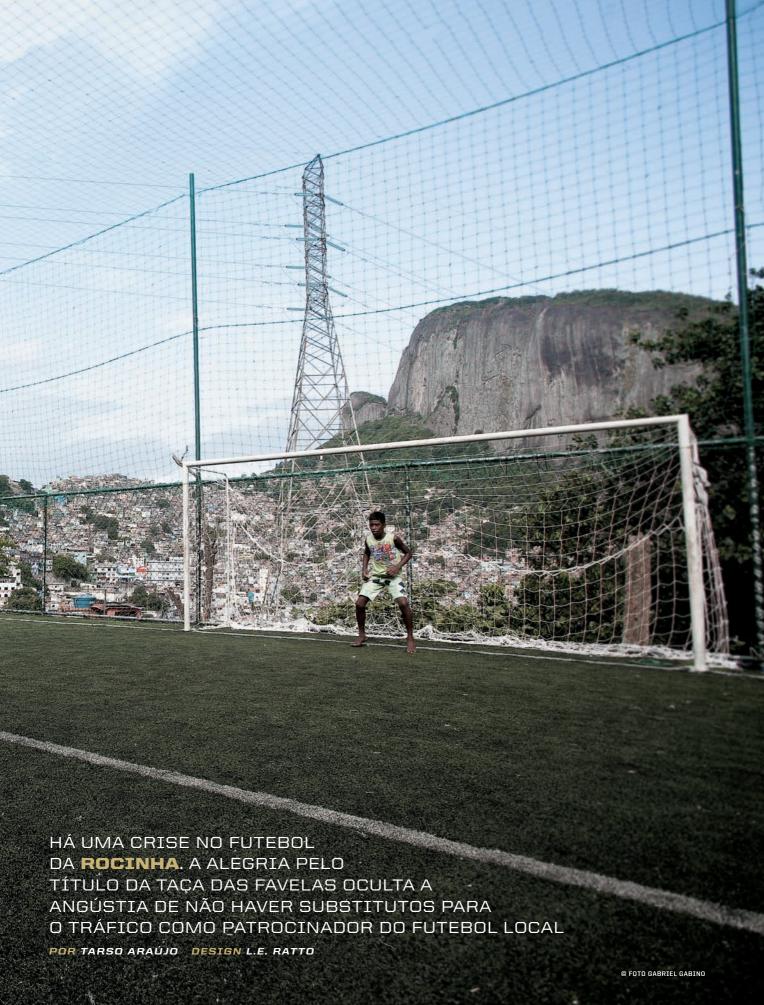
LANCE 6: RECLAMOU, TÁ EXPULSO!

Bola na área, e Pelé reclama de um agarrão do italiano Fachetti. Corre em direção ao árbitro, xingando muito. Gutemberg saca o segundo amarelo. "Ele perdeu o equilíbrio e caiu feito um pastel. Nada. Mas a estrelinha resolve estrebuchar. E eu, como fico? E minha autoridade? Fui desmoralizado. Tirei o segundo amarelo por reclamação e o vermelho na sequência. Vai pro chuveiro, e vou botar na súmula todos os palavrões. A imprensa vai cair de pau em mim porque protege o cara." A Copa acabava para Pelé. Dali para a frente, nada de cabeceio para o gol de Jairzinho nem de passe mágico para o de Carlos Alberto Torres. A história do futebol seria outra.

NA MARCA DO PÊNALTI

HÁ UMA CRISE NO FUTEBOL
DA **ROCINHA**. A ALEGRIA PELO
TÍTULO DA TAÇA DAS FAVELAS OCULTA A
ANGÚSTIA DE NÃO HAVER SUBSTITUTOS PARA
O TRÁFICO COMO PATROCINADOR DO FUTEBOL LOCAL

POR ***TARSO ARAÚJO*** *DESIGN* ***L.E. RATTO***

Garotos da Rocinha fazem a corrente antes do jogo

Não era um sábado qualquer para 22 garotos da Rocinha. Era 11 de fevereiro, o dia da final da Taça das Favelas, campeonato disputado por adolescentes de 64 comunidades do Rio de Janeiro. O time da maior favela do país chegara à decisão sem tomar um gol sequer. E venceu o campeonato ganhando por 3 x 1 do time do Jacarezinho – o melhor ataque do torneio – com direito a um golaço no fim.

Tudo diante de centenas de amigos e familiares na arquibancada e com transmissão ao vivo no SporTV. Na hora de levantar o caneco, teve chuva de papel picado e mulata sambando. Na volta para casa, desfile no alto de um caminhão. E, depois, o reencontro com a dura realidade, repleta de carências e paradoxos.

O time que defendeu a Rocinha foi selecionado a partir de uma peneira com mais de 200 adolescentes de 15 a 17 anos, a faixa etária permitida na taça. Em 13 de novembro, uma semana antes da peneira, o Bope (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar), a tropa de elite da polícia do Rio, havia ocupado a favela, forçando a fuga dos traficantes (ou parte deles) que dominavam o lugar – e também ditavam as normas no universo do futebol local, que tem até uma "Rocinha Champions League". Justamente no período em que os garotos deveriam se preparar para o campeonato das suas vidas, a "pacificação" mudou tudo e criou um paradoxo intrigante: apesar da desejável saída dos bandidos, os garotos se ressentiam de ter perdido o apoio que o mesmo tráfico dava ao futebol. "Sábado passado perdemos um amistoso porque não conseguimos transporte. Antes, isso não acontecia", dizia um aflito Jefferson Rocha, 16 anos, zagueiro. "Eles faziam o que agora a gente espera que a associação de moradores faça, mas ninguém faz. Nem ela nem ninguém", afirma Igor Ferreira, 17 anos, lateral-direito. O sentimento dos garotos em relação ao futebol é, de certo modo, parecido com o de toda a comunidade quanto ao restante das coisas: um misto de esperança por dias melhores e desconfiança de que o estado não traga as mudanças prometidas e necessárias.

Estado paralelo

A sensação de desamparo que os garotos relatam tem origem na distorcida lógica do "estado paralelo" representado pelo tráfico. Afinal, eles dizem, o primeiro "vácuo" que o estado deixou de preencher foi, ironicamente, o da segurança. "A gente nem se preocupava com morte e assalto, porque não tinha essas coisas aqui. Ninguém roubava uma roupa da sua laje. Agora a gente não sabe se está seguro", diz Jefferson. O comandante do Bope admitiu à imprensa que a comunidade vivia uma onda de assaltos. O número de ocorrências na delegacia que atende a região aumentou no mês

O ritual dos garotos de Jacarezinho inclui um MC comandando a roda

de dezembro, e até uma grande loja de eletrodomésticos foi roubada.

Antes, evitava-se "sair da linha" na comunidade para não ter que acertar contas com os traficantes. Agora muitos dizem ter medo dos "homens de preto": os soldados do Bope. "Outro dia, a gente estava na casa de uma amiga comemorando o aniversário dela de 15 anos. O Bope entrou e jogou o bolo no chão. Mandou todo mundo ir embora e acabar a festa", diz Igor. Os garotos contam que depois da ocupação ficou proibido circular à noite na favela, bem como fazer festas. Questionados pela reportagem sobre as alegações dos meninos, Polícia Militar e Secretaria de Estado de Segurança pediram que as perguntas fossem encaminhadas ao Bope, mas o órgão não se manifestou.

"Os bandidos respeitavam a gente até mais do que esses caras aí", chega a dizer um dos meninos, que preferiu não se identificar, ao se referir aos policiais do Bope. "Normalmente, eles já chegam dando tapa na cara", afirma o garoto, sobre a abordagem da polícia especial. "Aqui na Rocinha, como em qualquer favela, todo mundo é bandido até que prove o contrário", afirma o coordenador do time, Marcondes Ximenes.

A ROCINHA TEM SUA SELEÇÃO E TAMBÉM SEU TORNEIO LOCAL. EM 2011, A ROCINHA CHAMPIONS LEAGUE CONTOU COM 48 TIMES, INCLUINDO EQUIPES DE OUTRAS COMUNIDADES.

Rocinha Champions League

A Rocinha tem sua seleção, mas também seu torneio local. Em vez de Barcelona, Chelsea e Internazionale, a "Champions League da Rocinha" tem Travessa do Oliveira, Favelinha, Cachopinha e Roupa Suja – times batizados em referência a lugares da favela. A edição de 2011 contou 48 times na categoria principal, para maiores de 20 anos, incluindo equipes de outros bairros e comunidades cariocas. O campeonato foi criado em 1988, como Copa do Morro, com apenas quatro times, e foi crescendo até se tornar um dos principais eventos do calendário da favela. Ainda nos anos 90, os traficantes decidiram "brincar" de cartolas, inscrevendo equipes ou financiando algumas já existentes. "Cada 'dono' tinha seu time. Geralmente, eles queriam ser jogadores de futebol. Então, para compensar sua frustração, participavam dos campeonatos colocando dinheiro", diz Victor Simões, atacante nascido e criado na Rocinha, atualmente no árabe Al-Ahli, referindo-se aos criminosos que comandavam o tráfico na favela.

© FOTOS DARYAN DORNELLES

A final da Taça das Favelas teve jogo pegado, troféu, mulatas e choro de campeão

O traficante Antônio Bonfim Lopes, o "Nem", por exemplo, decidiu apadrinhar o time Rua 4, que leva o nome de onde nasceu e foi criado - ele mesmo participava de peladas com seus amigos de infância. A equipe venceu todas as edições do campeonato desde que ele assumiu o comando do morro em 2005 e passou a apoiar o time. Um expediente comum dos traficantes era contratar "reforços" — bons jogadores, às vezes de fora da Rocinha — para defender seus times.

O campeonato cresceu tanto que passou a ter divisões de base. E boa parte dos jovens talentos da Rocinha era atraída para esses "times de bandido" — como dizem os próprios garotos. Nas divisões de base, os traficantes não pagavam salários, mas distribuíam brindes. Pagavam lanche, davam uniformes e chuteiras de presente. No ano passado, Nem deu uma Nike Mercurial, de cerca de 200 reais, para cada jogador do seu time. Além disso, os "padrinhos" providenciavam transporte para equipes da favela irem a campeonatos e amistosos fora e pagavam os honorários dos juízes de seus jogos — enquanto os outros times faziam rateio entre os jogadores para pagar os 50 a 100 reais que um árbitro normalmente cobra para apitar.

Receber lanche e transporte e economizar com o rateio do juiz pode parecer pouco para defender time de traficante. Ou não, se levarmos em conta que a renda mensal de uma família da Rocinha é de 727 reais, em média, segundo o Censo de 2010. O volante Sandro dos Santos, 16 anos, por exemplo, conseguiu uma oportunidade com que todos os seus colegas sonham: jogar nas categorias de base do Bangu, time da primeira divisão do Campeonato Carioca. Mas ele só consegue ir treinar duas vezes por semana no clube da zona oeste da ci-

dade porque o treinador o ajuda – o pai paga a passagem de ida, e o técnico, a de volta, além de um lanche. "Ele é muito gente boa e acredita no meu futebol", explica Sandro.

Para os garotos que ainda não têm um treinador assim, receber mimos de um traficante para jogar num dos melhores times da comunidade acaba sendo algo sedutor. Até Simões admite ter jogado em um time apadrinhado por traficante. "É inevitável. Só não pode se corromper. Você vai jogar lá, mas tem que saber seu caminho, ter cabeça para não se desviar", diz o jogador, uma referência de sucesso para os garotos da Rocinha, como cria da comunidade que conseguiu se tornar profissional.

Para aliviar a consciência de seus afilhados – e a dos pais deles –, o próprio Nem tinha um discurso. "Minha mãe ficava preocupada de a gente se misturar. Mas ele mesmo falava que era pra gente não se meter com o tráfico. Poderia até ter mais garoto envolvido com isso, mas ele não deixava", diz um dos meninos, que jogava no time do traficante e, por isso, preferiu não se identificar. Sua declaração, no entanto, deixa claro como os traficantes faziam a cabeça e davam uma de mocinhos para os meninos.

CAMPEÕES DA ROÇA
Marcus Vinícius, Jefferson e Leonardo, do time da Rocinha, com a medalha no peito

Sem-campo

Com a ocupação da Rocinha pela polícia, a influência dos traficantes diminuiu. Na Champions League deste ano, a disputa deve ser mais equilibrada. Mas, para os garotos da seleção da Rocinha, a primeira coisa que surgiu foram novas dificuldades. Quando a reportagem de PLACAR foi conhecer o time, às vésperas da estreia na Taça das Favelas, eles estavam sem lugar para treinar: a disputa seria em um campo gramado, grande, e a Rocinha só tinha à disposição uma quadra de futebol soçaite bem menor. Quando Ximenes conseguiu um espaço na Ilha do Fundão, zona norte do Rio, o problema foi obter transporte até lá.

"Antes, a gente enviava um ofício para a Associação de Moradores, que mandava o pedido para a cooperativa de vans. A gente sempre conseguia transporte", diz Ximenes. Com a saída dos bandidos, o apoio das cooperativas acabou. "Elas dependiam dos traficantes", diz outra fonte. "Agora não fazem mais favor para ninguém. Só se pagarem." Como o time da Rocinha não tem dinheiro e não conseguiu outro apoio entre a ocupação e a estreia na taça, o jeito foi improvisar treinos na vizinha praia de São Conrado. "Lá é bom para dar resistência, mas o toque de bola é completamente diferente", diz Ximenes. Já quanto aos amistosos fora, nada feito.

Acima, o traficante Nem, ex-mecenas do futebol na Rocinha; ao lado, Victor Simões com a favela ao fundo – espelho para os garotos, atacante joga no Al-Ahli, da Arábia Saudita

Não ter como se preparar era angustiante, porque os garotos viam a Taça das Favelas como a chance para se afastar do destino comum de quem mora em favela. "Os tipos de emprego que o pessoal daqui arruma são poucos", diz Leonardo Cavalcante, 16 anos, atacante do time da Rocinha. "Mototáxi, vendedor, peão de obra ou entregador. Ou jogador de futebol."

É claro que a dificuldade dos garotos da Rocinha não é maior que a dos outros que disputaram a Taça das Favelas. E a primeira batalha costuma ser dentro de casa, ainda, pelo direito de continuar perseguindo o sonho de ser jogador. "Minha mãe me apoia, mas quando ela está nervosa, grita comigo. Diz que tenho que parar de jogar bola e trabalhar. Mas eu não vou largar o meu sonho", diz Marcus Vinícius, 17, camisa 10 da Rocinha e autor do primeiro gol do time na decisão. "Só fico me perguntando o que eu posso fazer para chegar lá mais rápido."

©1 FOTO DARYAN DORNELLES ©2 FOTO DIVULGAÇÃO / NIKE FUTEBOL ©3 FOTO DIVULGAÇÃO

CAP
3
16
Cena
Produ.
JO

A DIFÍCIL **ARTE** DE FILMAR **FUTEBOL**

ATÉ HOJE O CINEMA BRASILEIRO NÃO CONSEGUE RETRATAR LANCES DE FUTEBOL DE FORMA REALISTA. POR QUE SERÁ?

POR MARCOS EDUARDO SILVA*

DESIGN K.K.U. L.

ILUSTRAÇÕES TEL COELHO

** AUTOR DO LIVRO* NUNCA HOUVE UM HOMEM COMO HELENO, *UMA DAS FONTES DE PESQUISA PARA O FILME HELENO E QUE ESTÁ SENDO RELANÇADO PELA EDITORA ZAHAR*

Imagine cinema italiano não falando de família. Ou longas americanos sem explorar guerras. Pois é. Mas, por incrível que pareça, a pátria de chuteiras deixa a desejar no quesito filmes de futebol. Para se ter ideia, há mais películas bem feitas sobre o tema até mesmo nos Estados Unidos. Este mês, com o lançamento do filme *Heleno*, a expectativa volta às t elas brasileiras. Teremos, enfim, o esporte retratado de forma realista? "Nossa intenção nunca foi tentar reproduzir uma partida", responde Rodrigo Santoro, que interpretou o galanteador boleiro da década de 40. "Não é um filme de futebol, mas sobre um homem. O esporte entra como aspecto lúdico, nas lembranças do Heleno [de Freitas]." De fato, o longa se baseia mais nos dramas extracampo do personagem que no jogador de futebol. Por causa disso, as cenas de jogos são quase poéticas. É uma saída que pode até funcionar nesse caso específico, mas que não ajuda a dirimir uma questão fundamental do nosso cinema: por que raios não se consegue filmar bem uma cena de futebol no Brasil!?

O ator Otávio Augusto, o impagável juiz "Virgílio Pênalti", de *Boleiros* (1998), sugere uma resposta simples: a falta de filmes sobre futebol.

Acima, Rodrigo Santoro, na pele de Heleno de Freitas, manda um voleio na chuva depois de muito treino; e, ao lado, o mestre Cláudio Adão na "árdua" missão de ensinar Luana Piovani a jogar bola

PERNETAS EM AÇÃO

OS PRINCIPAIS FILMES DE FUTEBOL – E SUAS CENAS ESQUISITAS

O MILAGRE DE BERNA 2003

A partida retratada aqui é a final da Copa de 1954, entre a Hungria e a Alemanha Ocidental. Os gols foram ensaiados para parecerem com a história real. O resultado nem sempre é bacana. Basta dar uma olhada nas cenas verdadeiras (elas estão no YouTube) para comprovar. De resto, o filme vai bem.

GARRINCHA – ESTRELA SOLITÁRIA 2003

Quando você pensa em Garrincha, qual a primeira coisa que passa pela cabeça? Dribles, certo? Agora imagine a dificuldade de reproduzir um simples drible daqueles. Se coreografar, o zagueiro vai parecer uma estátua. Se improvisar... bem, digamos que nem todo mundo é Garrincha, certo?

BOLEIROS 1998

Um dos filmes mais conhecidos do cinema brasileiro sobre futebol, *Boleiros* não foca no campo, mas em histórias de bastidores. Considerando isso, a cena em que o juiz interpretado por Otávio Augusto manda repetir pênaltis perdidos é um clássico. Considerando apenas as cenas de jogo, é um tanto fraco.

FUGA PARA A VITÓRIA 1981

É um dos filmes sobre futebol com maior número de cenas de jogo. Um grupo de prisioneiros de guerra (com Pelé, Bobby Moore, Ardiles e outros jogadores) usa uma partida contra os nazistas em Paris para pôr em prática um plano de fuga. Mescla cenas realistas com momentos absurdos, como o pênalti fraquíssimo defendido por Stallone.

"A indústria americana tem 30 ou 40 filmes sobre um mesmo tema. Nós, não", afirma. O boxe, com várias cenas incríveis no cinema americano, teve uma técnica de filmagem aprimorada ao longo de décadas. Para Aníbal Massaini, diretor de *Pelé Eterno* (2003), alguns esportes são mais fáceis de serem retratados: "O boxe é um esporte individual. Há a pegada, o som do soco, cortes, close, é perfeitamente possível recriar o clima de uma luta". No futebol, a coisa seria mais complicada.

Mas há outra razão, essa bem óbvia: muitos atores simplesmente não sabem jogar. "Apesar de ser excelente ator, o André Gonçalves não conseguia dominar a bola", diz Jorge Monclar, diretor de fotografia de *Estrela Solitária* (2005), filme sobre o gênio das pernas tortas, Garrincha. "Em algumas cenas, precisamos até usar dublê." Monclar acredita que, para filmar futebol, cinegrafista e diretor têm que conhecer o esporte. Jogador feito Garrincha, por exemplo, requer um câmera tão ágil quanto o camisa 7 para enquadrá-lo. "Eu protegi o André várias vezes. Antevendo que haveria descontentamento da parte de quem assistiu ao Garrincha ao vivo, eu o aconselhei a nem tentar encenar um drible ou outro. Preferi puxar registros reais."

E se a gente ensaiasse?

Ok, os caras podem não ser craques, mas no Brasil também não há tradição de "coreógrafos" para esse tipo de filme – o que teoricamente poderia ajudar a deixar as cenas mais próximas da realidade. Em geral, o assistente de direção orienta o ator em relação a uma determinada jogada. Falta quem oriente a própria filmagem. O ideal é que o câmera já tenha familiaridade com o assunto, com cobertura de jogos no currículo, pois certas vezes nem o próprio diretor sabe direito o que fazer. Afinal, diretor de fotografia traz as cenas desenhadas, mas o futebol oferece improvisos. E encenar drible é uma tarefa inglória. "Drible nada mais é que uma reflexão rápida de um jogador para surpreender seu adversário", diz Massaini. "Se o oponente já souber como se dará a jogada, a perna endurece. É corporal." O resultado é uma cena engessada, problema comum nos filmes.

O jeito é repetir a mesma cena por horas a fio, e depois salvar a melhor delas para a edição final. "Escolhemos sete ou oito lances, principalmente de overlapping com cruzamento para a área, e ensaiamos de maneira exaustiva", diz o diretor de *Heleno*, José Henrique Fonseca. "Fora o Rodrigo [Santoro], os demais em

TREINADOR DE ESTRELA

Guaraci Valente, o Gaúcho, reúne em torno de si as duas artes. Por duas décadas, foi ator; hoje vive do futebol. É treinador de um time de atores. Gaúcho se destacou em *Vereda Tropical*, novela de 1984, como Assis, rival do craque Luca (Mário Gomes) no time do Cantareira. Campeão e vice em duas Copas do Mundo de Artistas, o Planet Globe, equipe que comanda, tem um plantel à disposição para os diretores de cinema. "Quer goleiro? Chame o Carlos Bonow. Zagueiro, Heitor Martinez. Lateral é o Kadu Moliterno. No meio, Nicola Siri e Du Moscovis. Márcio Kieling é atacante e o Marcos Palmeira brinca nas 11."

O bigodudo Gaúcho é a cara do Tom Selleck

LINHA DE PASSE 2008
Um drama pesado e sombrio sobre quatro irmãos de uma família pobre na cidade de São Paulo. Um deles (Vinicius de Oliveira) sonha em virar jogador profissional. Entre peneiras nos terrões da cidade, o ator mostra desenvoltura com a bola. O futebol não é o tema principal, mas as cenas são bem feitas.

GOL! UM SONHO IMPOSSÍVEL 2005
Este manda bem nas cenas de futebol – de treino e de jogo. Um garoto mexicano, em busca de seu sonho, vai parar num grande time inglês. Entre as participações especiais de jogadores (são vários), Alan Shearer se destaca. Teve uma continuação.

O CASAMENTO DE ROMEU & JULIETA 2005
A comédia baseada na rivalidade entre Corinthians e Palmeiras mescla cenas do Pacaembu com tomadas da Luana Piovani de shortinho. Com a bola nos pés, Luana não convence. A moça declarou à PLACAR, na época: "Descobri que minha especialidade é matar a bola no peito". Tá mais que perdoada...

PENALIDADE MÁXIMA 2001
Um ídolo do futebol inglês (Vinnie Jones) é preso por manipular resultados. Na prisão, acaba treinando uma equipe de condenados que irá enfrentar o time dos guardas. Não pretende simular uma partida profissional, mas uma pelada. Uma pelada bem violenta, é verdade. Mas também bem realista.

BOLEIRO, MAS NAS TELONAS

RODRIGO SANTORO CONTA COMO FOI ENCARNAR HELENO

"Espero que *Heleno* mude essa visão de que não sabemos filmar futebol no Brasil. A resposta que venho tendo desde a apresentação do filme nos Festivais de Toronto e de Havana é exatamente essa. Dizem: 'Como é bonito a forma como vocês retratam o futebol'. Nossa intenção nunca foi tentar reproduzir uma partida de futebol. O futebol entra no filme como o lúdico, o poético, as lembranças do Heleno. A gente se preocupou muito. Futebol é bom você assistindo lá. Procuramos momentos nos quais poderíamos construir uma atmosfera real. Mais realismo que virtuosismo. Tanto que nas filmagens consegui um voleio plasticamente perfeito, mas ele não entrou no filme. Queríamos mostrar o Heleno como ele era, suas características. Ele era bom nas cabeçadas e nas matadas no peito. Por isso chamei justamente o Cláudio Adão para me ajustar nesses fundamentos."

Santoro vibra: "Acertei um voleio!"

Fuga para a Vitória: Pelé salvou Stallone

campo eram todos profissionais da bola." Santoro dedicou-se em aulas com o ex-craque Cláudio Adão. "Começamos primeiro na areia, depois fomos para o gramado. O Rodrigo treinou três ou quatro vezes por semana por quase três meses. Fazíamos todos os movimentos diversas vezes", lembra o ex-centroavante, que já havia ensinado futebol à bela Luana Piovani para *O Casamento de Romeu & Julieta* (2005).

Quem também virou aluno para não fazer feio foi o ator Vinicius de Oliveira, que recebeu convite do diretor Walter Salles para protagonizar *Linha de Passe* (2008) na pele de um aspirante a jogador. Da convocação à execução, passaram-se seis anos. Vinicius se matriculou no CFZ (o clube do Zico) e depois foi treinar com os juniores do Palmeiras e do Santo André. "Não queria me ver fazendo algo meia-boca. A pelada rolava pra valer e eles escolhiam os melhores takes", conta Oliveira.

Recentemente, Pelé revelou que só virou o herói de *Fuga para a Vitória* (1981) por causa da perna de pau de Sylvester Stallone, que precisava marcar um golaço de bicicleta. "Ele era tão ruim de bola que o colocaram como goleiro para não ficarmos cinco anos gravando a cena da bicicleta." Já o ator Cláudio Fontana, ao filmar *Zico* (2002), teve uma tarefa ingrata. "O diretor queria que eu ajeitasse a bola, tomasse distância e batesse uma falta acertando a camisa que o Zico colocava no ângulo quando treinava pontaria!" Claro que não conseguiu. A esperança é que *Heleno* inicie uma nova safra de filmes sobre futebol no Brasil. Afinal, ainda precisamos treinar bastante...

> "O drible é uma reflexão rápida de um jogador para surpreender seu adversário. Se o cara já souber como será a jogada, a perna endurece. É corporal.
>
> ***Aníbal Massaini,*** *diretor de* Pelé Eterno

EUROPA EM NÚM3RO5

UM ESTUDO REVELA QUE COISAS ESTRANHAS ESTÃO ACONTECENDO NO FUTEBOL EUROPEU. A RÚSSIA FICOU MAIOR QUE A ITÁLIA. E OS BAIXINHOS ESTÃO NO COMANDO

POR ***MARCOS SERGIO SILVA*** *DESIGN* ***K.K.U. L.***

Os russos estão chegando. E com força. Na Europa, eles já são a terceira liga com mais jogadores que atuam por seleções nacionais. Mas o dinheiro do gás e do petróleo russos, ao mesmo tempo que atrai craques, esvazia as categorias de base no país.

A conclusão é de um abrangente estudo realizado pelo Cies (Centro Internacional de Estudos Esportivos), da Suíça. Nas 33 ligas do continente, 12410 jogadores de 500 clubes foram avaliados. O objetivo era demográfico, mas revelou também aspectos econômicos.

A Rússia virou um dos grandes chamarizes de selecionáveis. Desde 2009, a porcentagem desses atletas na liga local passou de 11,6% para 28,6%. Só Inglaterra (41,2%) e Alemanha (33,3%) têm percentuais maiores.

Ao mesmo tempo, se os russos surpreenderam na Eurocopa-2008 com craques que até então não haviam cruzado a fronteira, como Arshavin, esse criadouro parece estar minando. A taxa de jogadores formados na base caiu quase pela metade desde 2009 – de 20,2% para 12,2% dos elencos dos times de primeira divisão. Só a Itália consegue ser pior, com sua taxa de 7,2%.

"Existe mais dinheiro hoje na Rússia. Dinheiro atrai estrelas e estrelas atraem estrelas", afirma o diretor do Football Observatory, o suíço Raffaele Poli, organizador do estudo. "O problema deles é formar jogadores."

A crise econômica no continente, por ora, não afetou as transações locais. Mas pode reservar um futuro para os europeus mais próximo do sul-americano do que se imagina. "As dívidas dos clubes nunca estiveram tão altas, mas nem por isso o mercado de transferências foi menos movimentado. O reflexo é o aumento do poder de agentes, investidores e outros intermediários nos direitos econômicos dos atletas. É o 'modelo sul-americano' exportado para a Europa", afirma o suíço.

O Brasil ainda é o maior exportador de jogadores. São 528 nas 33 ligas pesquisadas. Mas o Leste Europeu infiltra também muitos atletas nos campeonatos. Em 2012, os sérvios suplantaram os argentinos – são 228 contra 211.

Nas próximas páginas, conheça outras curiosidades descobertas pelo estudo. Você verá, por exemplo, que o melhor da Europa é também o mais baixo. E nem sempre um time cheio de gringos é suficiente para vencer. O Celtic e seus 84% de estrangeiros que o digam.

O RAIO-X DO FUTEBOL EUROPEU

UM RESUMO DOS 12 410 ATLETAS DE 500 CLUBES DAS 33 LIGAS DO CONTINENTE

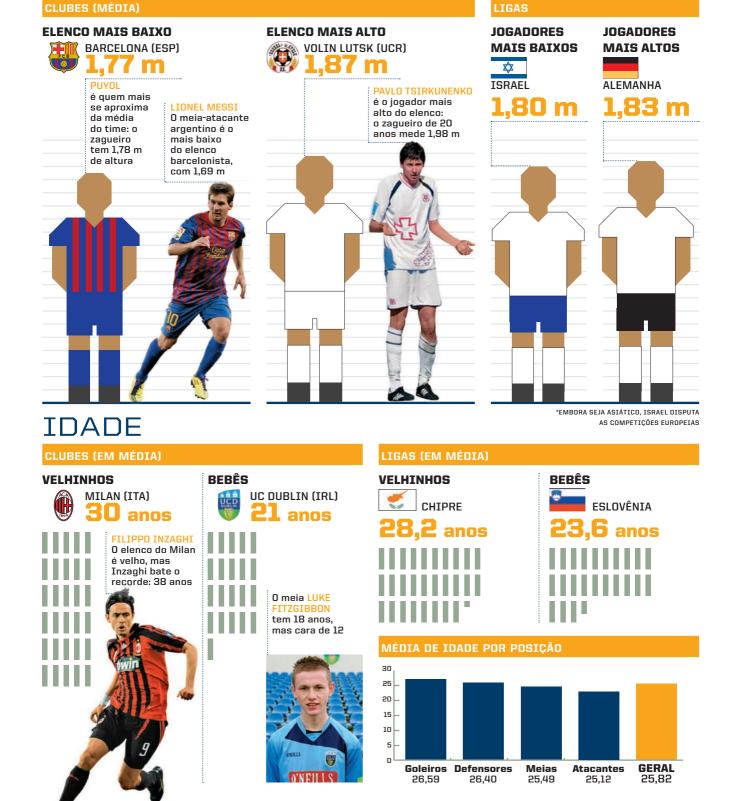
FORMAÇÃO

CLUBES

MAIOR PERCENTUAL DE JOGADORES FORMADOS NA BASE

NK OSIJEK

77,8%

Dois atletas da seleção croata foram formados no NK Osijek: Marko Babić e Goran Ljubojević

LIGAS

LIGA COM O MAIOR PERCENTUAL DE JOGADORES FORMADOS NA BASE

ISLÂNDIA

43,4%

Dos 26 jogadores do elenco campeão islandês com o KR, só cinco não foram formados no clube

LIGA COM O MENOR PERCENTUAL DE JOGADORES FORMADOS NA BASE

ITÁLIA

7,4%

A Juventus é um dos clubes que menos apostam na base. Formou apenas três do elenco atual – incluindo Del Piero, 37 anos

SELECIONÁVEIS

CLUBES

MAIOR PERCENTUAL DE SELECIONÁVEIS

BARCELONA

81%

Só quatro dos 21 atletas blaugranas não são de seleções

ONDE ELES ATUAM:

- Espanha 9
- Brasil 2
- Argentina 2
- Mali 1
- Holanda 1
- França 1
- Chile 1

LIGAS

MAIOR PERCENTUAL DE JOGADORES QUE ATUAM POR SUAS SELEÇÕES

INGLATERRA

41,2%

93 seleções já cederam atletas para os clubes da Premier League desde 1992 – entre elas Curaçao e St. Kittis e Nevis

- Alemanha **33,3%**
- Rússia **28,6%**

MENOR PERCENTUAL DE JOGADORES QUE ATUAM POR SUAS SELEÇÕES

IRLANDA

0%

Na última convocação da seleção da Irlanda, 19 dos 21 convocados atuavam na Inglaterra. Os outros dois jogavam na Escócia e na Rússia

Dois mundos em um só goleiro: da seleção irlandesa, SHAY GIVEN joga no inglês Aston Villa

NACIONALIDADE

CLUBES

MAIOR PERCENTUAL DE JOGADORES DE FORA DO PAÍS

CELTIC

84%

Os 36 atletas do elenco do clube são de 20 países diferentes – um recorde

LIGAS

MENOR PERCENTUAL DE ESTRANGEIROS

ESLOVÊNIA

13,8%

Dos 26 jogadores do elenco do Olimpija Ljubljana, apenas dois não nasceram na Eslovênia: os sérvios Djordje Ivelja e Sreten Sretenović

ESTRANGEIROS NAS COMPETIÇÕES

	Total	Variação em relação a 2011
BRA	528	-39
FRA	247	-9
SER	228	16
ARG	211	-23
POR	132	10

EXTRA:
BRASIL DOMOU
O LEAO INGLES!
EDIÇÃO EXTRA
veja
ARGENTINA
RENDIÇÃO NAS MALVINAS
GALTIERI DEPOSTO
veja
EDIÇÃO HISTÓRICA
veja
É PENTA!

EDIÇÃO **MARCOS SERGIO SILVA** / DESIGN **K.K.U. L.**

A bola e a bala

COM UM PROJÉTIL ALOJADO NO CÉREBRO, CABAÑAS VOLTA AO CLUBE QUE O REVELOU – SEM OS REFLEXOS DE ANTES, MAS COM A ESPERANÇA QUE O SALVOU

POR BRUNO FORMIGA

Exatos dois anos separam a quase morte do paraguaio Salvador Cabañas de seu renascimento como jogador de futebol. Em 25 de janeiro de 2010, recebeu de um torcedor um tiro na cabeça em um bar, na Cidade do México. A bala, de calibre 22, continua alojada na base do cérebro. No último 20 de janeiro, ele foi apresentado pelo 12 de Octubre, de Itauguá (130 km de Assunção), clube que o revelou e atualmente joga a quarta divisão paraguaia.

Cabañas, no entanto, está longe de ser o atacante que infernizou os brasileiros na Libertadores de 2008, quando, jogando pelo América-MEX, desclassificou com seus gols Flamengo e Santos da competição. Ou o Brasil treinado por Dunga nas Eliminatórias para a Copa da África.

O paraguaio fala mansamente, um tanto distante. São sequelas do tiro que comprometeu também parte da visão do olho esquerdo. Os médicos alertam para o risco de cabecear bolas, o que os levou a considerar a hipótese de retirar a bala – uma operação arriscada.

"Tudo o que eu quero é jogar futebol", afirma Cabañas, pelo telefone, em conversa com PLACAR. Ele poupa frases mais elaboradas enquanto responde às perguntas. "Sou um soldado a mais nesse elenco. Espero ajudar", diz, com o discurso humilde de quem sabe que seu rendimento passará longe dos tempos de América-MEX, com quem ainda tem vínculo (o 12 de Octubre tenta sua liberação sem custos).

Por enquanto, Cabañas só disputou 15 minutos de um amistoso contra um selecionado amador. Tocou três vezes na bola. "Tenho que voltar aos poucos para ficar em forma", justifica. Depois, interrompeu os treinos para passar dez dias em Jerusalém (Israel). A viagem era dívida de uma promessa feita por "El Mariscal", que fará a pré-temporada com o técnico Rolando Chilavert, irmão do ex-goleiro José Luis Chilavert. "Está sendo tudo muito lindo. Um sonho mesmo", diz o atacante.

Segundo o jornal paraguaio *Última Hora*, Cabañas está muito bem fisicamente, graças aos trabalhos que realizou no Libertad. "Mas demonstra dificuldades na hora de reagir. Não tem rapidez mental para elaborar uma jogada", descreveu o jornal, ao observá-lo no gramado.

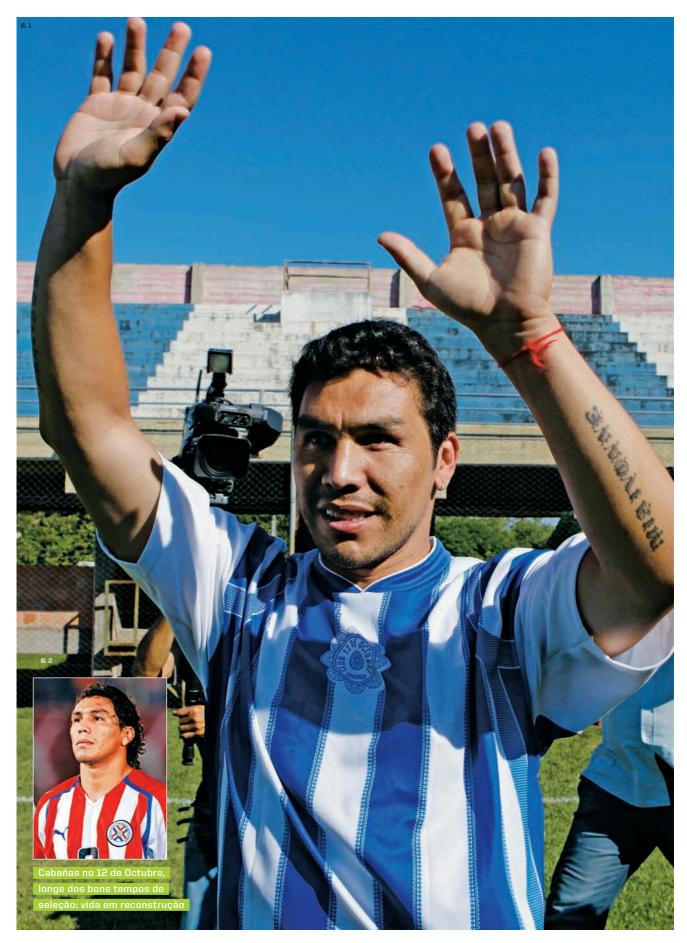
"Ele pode jogar, mas não como nos acostumamos a vê-lo", afirma o neurologista Mário Feltes, que acompanha o jogador desde o incidente no Bar-Bar. "É como um computador com problema. Pode ser consertado, mas nunca será como antes."

Para o atacante, porém, não se trata mais de jogar em alto nível, mas de fé e gratidão. Em dois anos, Cabañas viu suas finanças ruírem. A mulher do jogador, María Lorgia, chegou a acusar o ex-empresário José María González de desviar dinheiro de negócios que os dois tinham juntos. O atacante também sofreu com a depressão. "Só tenho a agradecer à minha família. Minha esposa, meu pai *[Dionisio]* e meu filho *[Santiago]*. Não me abandonaram em momento nenhum", afirma. "Meu primeiro gol será dedicado a eles."

O retorno do atacante aos gramados só deve acontecer oficialmente em abril, quando começa a quarta divisão paraguaia. "Vou mostrar como estou bem, como estou recuperado", diz. "Milagres existem", diz o presidente do 12 de Octubre, Michel Bauer. E não há como negar que Salvador Cabañas já é um deles.

© 1

© 2

Cabañas no 12 de Octubre, longe dos bons tempos de seleção: vida em reconstrução

© 1 FOTO AP © 2 FOTO PIER GIAVELLI

Camarões à espanhola

O legado do camaronês Samuel Eto'o no Barcelona (e na Espanha) não se resume aos 130 gols em 203 jogos do atacante, hoje no Anzhi Makhachkala, da Rússia. A instituição tocada pelo jogador espalhou compatriotas pelo futebol espanhol. São dez atletas entre 12 e 18 anos – seis só nas categorias inferiores do Barça – formados nos quatro centros de treinamento que o atleta mantém nas cidades de Douala, Yaounde, Limbe e Bamenda, todas em Camarões. As equipes excursionam pela Europa disputando torneios. "O principal destaque é Tchaha Leuko, nosso primeiro jogador convocado por uma seleção [disputou o Mundial sub-20 no ano passado, por Camarões]", diz Alma Marin, responsável pela comunicação da instituição. Sai dali algum Eto'o? "O Fabrice Olinda, do Málaga. Ele tem o mesmo estilo de jogo."

Guilherme Pannain

Eto'o: espalhando compatriotas

Bambas da África

A ZÂMBIA VENCEU SUA PRIMEIRA COPA AFRICANA DAS NAÇÕES. E NÓS ESCALAMOS OS DESTAQUES DO TORNEIO

POR PEDRO PROENÇA

1º P. AUBAMEYANG
GABÃO

IDADE: 22 ANOS

ONDE JOGA: SAINT ÉTIENNE (FRA)

Passe 7,5

Finalização 8,5

Velocidade 9,5

Forte, rápido e com habilidade insuspeita para um atacante de 1,85 m

2º KATONGO
ZÂMBIA

IDADE: 29 ANOS

CLUBE: HENAN CONSTRUCTION (CHI)

Passe 7,5

Finalização 8

Velocidade 8

Atacante arisco, rápido e bastante oportunista

3º ABDOU TRAORE
MALI

IDADE: 24 ANOS

CLUBE: GIRONDINS DE BORDEAUX (FRA)

Passe 8

Finalização 7

Velocidade 7,5

Meia veloz, de bons passes, drible curto e boa visão de jogo

4º BOUBACAR BARRY
C. DO MARFIM

IDADE: 31 ANOS

CLUBE: SPORTING LOKEREN (BEL)

Reflexo 7

Impulsão 7,5

Saída do gol 7,5

Não sofreu gols. Mostrou sobriedade e segurança

NUMERALHA

milhões de euros era a diferença no valor do elenco entre as seleções finalistas da Copa das Nações Africanas, segundo o site alemão Transfermarkt. O elenco da campeã Zâmbia estava avaliado em 8,8 milhões de euros. O da vice, Costa do Marfim, valia 168,9 milhões de euros. ***R.R.***

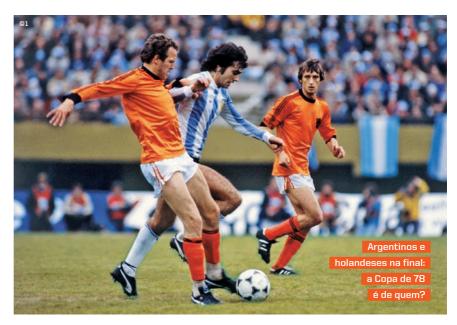
Título vencido

CONFISSÃO DE SENADOR PERUANO ANIMA HOLANDESES A EXIGIREM A COPA DE 78

POR MARCEL RÖZER, DE AMSTERDÃ*

O depoimento do ex-senador peruano Genaro Ledesma na Justiça reafirmou a tese que os brasileiros sustentam desde 1978: que o Peru afinou para a Argentina na Copa daquele ano. Segundo o político, as ditaduras dos dois países acertaram que, em troca da goleada sofrida por 6 x 0, presos políticos peruanos, como Ledesma, seriam enviados para Buenos Aires.

Nossa antiga reclamação, no entanto, chegou à Holanda, adversária da Argentina na final. Baseados no depoimento, os remanescentes da Laranja Mecânica de 1974 que jogaram aquele Mundial agora pedem uma revisão histórica. "Seria bom se a Holanda se tornasse campeã por efeito retroativo e recebêssemos o título", afirma Jan Poortvliet, zagueiro daquele time. O ex-meia Willy van der Kerkhof pede a punição dos campeões daquele ano. "O título mundial vai chegar um pouquinho tarde. Mas por que não? Quero uma medalha."

Argentinos e holandeses na final: a Copa de 78 é de quem?

A Federação Holandesa de Futebol diz não ter sido informada de nenhuma investigação sobre a Copa de 1978, assim como a CBF. O que estimula o ex-atacante Rob Rensenbrink a ser mais cético. "Isso [o título] é apenas algo para o papel. O valor sentimental já não existe mais. Se eu acredito em corrupção? Há situações durante um jogo de que você pode duvidar. Mas acertei uma bola na trave na final. E é possível que ainda pensem que eu também fui subornado [risos]."

*AUTOR DO LIVRO *FUTEBOL EM UMA GUERRA SUJA*, SOBRE A COPA DE 78, PUBLICADO NA HOLANDA. TRADUÇÃO DE ANDRÉ LUIZ DA SILVA

A invasão: torcedores do Al Masry agridem jogadores do Al Ahly

Da primavera ao inferno

Quando futebol e política se misturam, nem sempre o resultado é positivo. No Egito, a torcida do Al Ahly apoiou a queda do ditador Hosni Mubarak, em fevereiro de 2011. A conta veio um ano depois, em forma de um massacre que matou 74 torcedores no estádio de Port Said. O principal indício é de que o ataque da torcida do clube rival, o Al Masry, teve a facilitação de policiais. "A torcida participou muito dos protestos da praça Tahrir [foco das manifestações no Cairo] e criou cantos contra os policiais", diz o francês Mathieu Ropitault, que passou 15 dias na torcida Ultra Al Ahly. "Eles [os policiais] querem vingança." Para o filósofo Vladimir Safatle, que esteve recentemente no Egito, a "Primavera Árabe" não significou uma ruptura. "Ainda há tortura e censura." Suspenso, o Campeonato Egípcio deve voltar sem torcedores nos estádios. ***Luiz Felipe Silva***

©1 FOTO J.P.SCALCO ©2 FOTO AFP

Nas mãos do povo

CLUBE DA SEGUNDONA ALEMÃ APELA A PERSONAGENS CONTROVERSOS PARA CONVENCER TORCEDORES A NÃO DEIXAR QUE ESTÁDIO SEJA VENDIDO

POR LUCAS BETTINE

Berlusconi: a antiestrela do Union Berlin

Joseph Blatter, Silvio Berlusconi e uma lata amassada de energético são os personagens da mais recente campanha publicitária do Union Berlin, clube da segunda divisão da Alemanha. O objetivo é evitar uma eventual venda do estádio Alten Försterei a um "forasteiro endinheirado e sem alma". Não que Blatter, Berlusconi e o energético queiram comprá-lo. O clube, na verdade, usou os "vilões" para assustar seus torcedores. "Vendemos nossa alma, mas não para qualquer um", afirmam os outdoors. A campanha estimula sócios e torcedores a comprarem partes do estádio por 500 euros, com um máximo de dez cotas para cada um. "Mais de 4000 pessoas compraram 5500 cotas. Dividimos para que não fique na mão de um milionário", diz o porta-voz do clube, Christian Arbeit. A Red Bull, alvo de um dos cartazes, já ameaça processar o clube.

Não basta torcer, tem que investir

Não fosse por eles, seus clubes não teriam estádio nem time

WIMBLEDON (2002)
Os novos donos fizeram o Wimbledon trocar o bairro homônimo pela cidade de Milton Keynes, na Inglaterra. A torcida, inconformada, criou o AFC Wimbledon.

CHELSEA (1999)
Parte do Stamford Bridge, em Londres, foi comprada por torcedores para evitar que o clube se mudasse. Se sair dali, o Chelsea terá de mudar o nome.

CSA (2010)
A torcida organizou festas para equipar a sala de musculação, fez mutirões para manter o estádio bem cuidado e doou água para matar a sede dos jogadores.

Nenê: melhor que Pastore

Nenê cresceu

O atacante Nenê sobreviveu a uma espécie de "revolução francesa" no Paris Saint-Germain desde o ano passado. Os 6 milhões de euros que o brasileiro custou no meio de 2010 em nada se assemelhavam aos 43 milhões investidos no argentino Javier Pastore, comprado do Palermo e representando a nova ordem de contratações do clube parisiense. O brasileiro, no entanto, se respaldou por novas boas atuações e, com a camisa 10, segue a passos firmes para repetir a trajetória de Raí, ídolo de infância e um dos maiores nomes da história do PSG. Os números são animadores: 38 gols em 93 jogos, média de 0,40, superior à de Raí, eleito o segundo melhor jogador da história do clube, com 73 gols em 213 jogos, 0,34. "Quero marcar meu nome como ele também marcou. Era fã dele, até por ser são-paulino", diz. A diferença com Javier Pastore também é estreitada por números, afirmada nesta temporada: Nenê participou de mais partidas (32 x 27) e fez mais gols (15 a 10) que o argentino. "Cheguei em outra realidade. Falam que continuo o principal jogador. Entre custo e benefício, foi muito bom mesmo."

Klaus Richmond

CABE TUDO
Espaço nas costas é o que não falta. Que tal botar juntos o escudo do Manchester United, a tragédia de 1958, Alex Ferguson e os campeões de 1968 *(à esq.)*? Ou os resultados das sete finais de Copas vencidas pelo Valencia *(à dir.)*? Se achar exagero, bote o número e o nome de seu jogador favorito *(acima)*. Aí fica bonito.

Tattoo bola

DESIGNER NORTE-AMERICANO REÚNE 5000 TATUAGENS DE TORCEDORES – NEM TODAS DE BOM GOSTO

POR BRUNO FORMIGA

Não exija bom-senso de um torcedor. Nem de suas tatuagens. O designer norte-americano Ariel Fiorito reuniu em seu site cerca de 5000 delas, a maioria de gosto duvidoso. "Quase todas foram enviadas por fãs. Algumas achei e entrei em contato para pedir a autorização." PLACAR vasculhou o site e achou tatuagens bacanas, outras nem tanto e algumas de doer. Escolha a sua.

ESPALHA RODA
Um torcedor do Boca escolheu um jeito peculiar de poupar tempo em filas. Botou uma tatuagem horrenda do Palermo na perna. É só mostrá-la que o pessoal foge.

TEJE PRESO
Se eles já não fizeram as tatuagens na cela, deveriam ser presos por elas. Ao menos esse aí do lado aproveitou a circunferência da pança e deu um contorno diferente em "Chelsea".

PAGADOR DE PROMESSA
O título de 2011 do Borussia Dortmund foi pago com a imagem do técnico Juergen Klopp estampada na pele.

Zagueiro na Itália é *cosa nostra*

O EX-PALMEIRENSE DANILO SURPREENDE EM SUA 1ª TEMPORADA E É MAIS UM A INTEGRAR A "MÁFIA" DOS DEFENSORES BRASILEIROS NA VELHA BOTA

POR FERNANDA MASSAROTTO, DE MILÃO

Em 1982, o brasileiro sonhava com um zagueiro de estilo italiano na seleção. Claudio Gentile era um deles. Graças ao hoje técnico da seleção de futebol da Líbia, Zico e Maradona foram caçados e surrados na Copa do Mundo daquele ano. Era o retrato do clássico defensor da Azzurra.

Trinta anos depois, são os italianos que sonham com um brasileiro na defesa. "Thiago Silva é o melhor jogador na posição", diz o jornalista da *Gazzetta dello Sport* Alberto Certuti. Thiago admite que cresceu depois que foi jogar em Milão. "Aqui se valorizam muito as questões táticas, a organização da defesa", diz.

Como ele, os demais brasileiros têm mostrado que são fortes e concisos na pequena área. Do jeito que os italianos ficaram depois de o técnico Arrigo Sacchi chegar ao Milan, em 1987, e impor um novo tipo de jogo, abandonando o antigo estilo "catenaccio" (a famosa retranca italiana) e passando ao mais consistente e ofensivo 4-4-2, usado por grande parte das equipes do mundo na década seguinte. "A vinda de atletas para a Europa globalizou o futebol", afirma Sacchi.

Os brasileiros que hoje jogam no futebol italiano reconhecem que não é fácil se impor em um terreno até então dominado pelos adversários. Aos 27 anos, Danilo Larangeira, ex-Palmeiras e há seis meses na Udinese, é o destaque do time na temporada. "O Thiago Silva é um cartão de visitas para os jovens que queiram jogar por aqui", diz Danilo. "Antes só ouvíamos falar que o Brasil era o país dos atacantes. Hoje é também o dos zagueiros", afirma Marcelo Lippi, técnico campeão do mundo em 2006 com a seleção italiana.

Enquanto isso, a defesa italiana definha. As categorias de base dos clubes italianos não formam zagueiros do porte de Paolo Maldini e Alessandro Nesta. "A garotada quer jogar no ataque", diz Sebastiano Vernazza, da *Gazzetta dello Sport*. "Enquanto isso, vemos brasileiros que se espelham em Thiago Silva e Lúcio", afirma o jornalista italiano. Sinal dos tempos.

O zagueiro Danilo, da Udinese, destaque da terra de Claudio Gentile *(abaixo, grudado em Zico)*

TUDO O QUE INTERESSA AOS HOMENS, ESTE MÊS NAS BANCAS.

ALFA

Você é o cara. Essa é sua revista.

RUNNER'S WORLD

Viva melhor correndo.

ESPECIAL PLACAR LIBERTADORES 2012

Saiba tudo sobre a Taça Libertadores da América!

QUATRO RODAS MOTO

O melhor das duas rodas, agora todo mês nas bancas.

TUDO O QUE INTERESSA AOS HOMENS.
TAMBÉM NA INTERNET. **WWW.CLUBALFA.COM.BR**

"Tô mais cabeça"

DE VOLTA AO FLA, **VÁGNER LOVE** PLANEJA MAIS GOLS QUE DA 1ª VEZ, DIZ QUE ESTÁ NUM "RELACIONAMENTO SÉRIO" E GARANTE QUE NUNCA SE CUIDOU TANTO

POR FLÁVIA RIBEIRO

No mesmo dia em que desembarcou no Rio após finalmente acertar sua contratação pelo Flamengo, depois de uma longa negociação com o CSKA, da Rússia, o atacante Vágner Love correu para uma cabeleireira. Três horas depois, as tranças azuis já tinham dado lugar a rubro-negras. "É uma homenagem ao clube e à torcida que eu amo", diz, enquanto balança os cabelos. Vágner tinha chegado ao Brasil havia menos de duas semanas e preferiu marcar a entrevista no prédio em que mora, na Barra da Tijuca, em vez de no campo de treino, como a maioria dos jogadores tem feito, numa mostra de seu estilo informal. Sincero, disse logo que gosta muito de pagode, funk e cerveja. Mas tranquilizou a torcida. "Hoje eu tô muito mais cabeça. Dependo do meu corpo para jogar, não vou abusar." Tanto que promete ficar concentrado sem reclamar. Também na contramão da maioria, o Artilheiro do Amor garante que morria de saudade da concentração quando jogava na Rússia. "Sinto falta da resenha", afirma.

P| Desde que você saiu, em 2010, o Flamengo tenta repatriá-lo. Como foram as negociações que o trouxeram de volta?

R| Foi muito complicado. Primeiro pela moral que eu tinha na Rússia, pelo prestígio que eu tinha, pelo jeito como o presidente [do CSKA] me tratava... E ele nunca escondeu, falava isso, que eu era como um filho. As negociações acabaram sendo feitas mais pelo lado do sentimento que pelo financeiro. Tanto do lado do CSKA, que queria me manter, quanto pelo meu lado. Porque a gente sabe dos problemas dos clubes brasileiros, passei sete anos na Rússia sem nunca ter sofrido com atraso de salário. Consegui convencer o CSKA de que eu estava desgastado, graças a Deus o presidente entendeu isso. Era uma coisa que eu queria muito e que o Flamengo queria muito.

P| A vontade de jogar no Flamengo era tanta assim? Outros clubes o procuraram?

R| Abri mão de muita coisa para estar no Flamengo, vim por amor. Vim para ganhar menos [especula-se que o salário no Fla seja de 525 000 reais]. Mas vim para estar feliz, para ficar perto dos meus filhos, da minha mãe, dos amigos, da minha irmã. Do Brasil, além do Flamengo, só o Grêmio entrou em contato, mas não fez proposta. Ao longo dos anos, outros tentaram. Eu queria muito voltar ao Brasil, independentemente do clube. Mas o Flamengo realmente me quis e nenhum outro time lutou como o Flamengo. E eu acabei lutando mais também, por ser o Flamengo, por eu ter ficado tão pouco tempo, apenas um semestre, e a torcida ter me abraçado da forma como abraçou. Então foi aquela coisa: vou voltar para o Brasil, vou voltar para um grande clube brasileiro, mas, se esse clube for o Flamengo, vai ser muito mais especial. Vou me sentir mais em casa.

P| A Olympikus vai pagar parte do seu salário. Não tem medo de ficar sem receber a outra parte?

R| Sei o que os clubes brasileiros passam, das dificuldades. Mas o Flamengo está com os pagamentos em dia, a diretoria está se esforçando. Mas sempre se corre o risco, tenho consciência disso.

P| O que mais pesou na volta?

R| Família, cansaço... A cabeça não estava mais lá. Eu já não tinha forças para treinar e para fazer o que mais gosto na minha vida, que é jogar futebol. Estava desanimado, perdi a alegria. Nesse último ano, fiz mais pelo meu lado profissional que pelo prazer. Não tinha mais cabeça para estar lá, tantos anos no mesmo ambiente, sem a mesma motivação de anos atrás, quando cheguei e conquistei tudo o que conquistei lá.

P| Você foi campeão da Copa América em 2004 e 2007. Ainda tem 27 anos. Acha que a volta ao Brasil o reaproxima da seleção? O quanto isso pesou?

R| Pensei nisso. Sempre penso. Acho que, a partir do momento em que eu

> Nenhum outro time lutou tanto para me contratar como o Flamengo. Eu vim por amor

fizer um bom trabalho no Flamengo, as coisas vão acontecer. Sonho disputar Copa do Mundo, e aqui fico mais perto pela visibilidade. Se eu jogar bem no Flamengo, o Flamengo pode me ajudar a voltar. Antes, havia mais jogadores que jogavam fora do país na seleção. Hoje tem mais é quem joga aqui. Espero que o Mano possa me testar este ano.

P| Por que acha que não foi lembrado para a seleção nos últimos anos?

R| Foi pela falta de visibilidade do campeonato, com certeza. Não adianta aparecer só um ou dois jogos na televisão. É difícil para o treinador acompanhar. Não é como na Espanha, Itália, Inglaterra, em que os jogos passam até na TV aberta daqui.

P| Você chega ao Flamengo num momento conturbado, de troca de treinador, atrasos de salário, brigas de dirigentes...

R| Acho que o Flamengo é isso aí. Vai ser isso aí sempre, faz parte do cotidiano. Tudo o que acontece vira notícia, repercute, todo mundo quer especular. Mas penso que as pessoas que trabalham no Flamengo sempre vão brigar para o Flamengo estar bem, e eu não vou ser diferente.

P| Você teme ser encarado pela torcida como salvador da pátria ou aceita a responsabilidade?

R| A responsabilidade é grande e a cobrança vai ser dobrada. Mas estou preparado para isso, treinando para isso. Eu tenho que chegar e fazer gols. É o que todo mundo espera. É muito diferente de 2010, quando ninguém me conhecia, nem ao meu trabalho. Mas depois do que eu fiz... Fiz 23 gols em 29 jogos, criei expectativa. E agora quero aumentar essa média. A torcida vai cobrar, a diretoria vai cobrar e eu quero fazer por onde.

P| Foram quase oito anos jogando na Rússia. Como foi essa experiência? Quanto tempo você levou para se acostumar com o frio do inverno russo? E com a língua? Você fala russo?

©1

> Com o Ronaldinho, acho que vai ser fácil. Ele é inteligentíssimo, pensa muito na frente da maioria dos jogadores

R| Falo muito pouco russo, mas conseguia me virar em restaurantes, mercados... E com os torcedores. No Carnaval do ano passado, minha cunhada foi para Moscou e queria conhecer a praça Vermelha. Estava 3 graus negativos, todo mundo encasacado, eu só estava com um pedaço do rosto de fora, e um monte de gente veio pedir autógrafo, para tirar foto, e eu pensei: “Caramba!” Por isso é que eu falo que tenho um carinho muito grande pelo CSKA e por todos lá. Mas era difícil, já peguei -27º C, já joguei com -15º C. Você usa uma pomada no corpo todo para esquentar, mas não dá conta, tem hora que não sente mais as mãos, as pernas, nada. Nas folgas lá tem shoppings, restaurantes. E tem umas boates superluxuosas. Até ao cinema fui uma vez, vi Rio lá, em russo mesmo, e adorei. Lá sempre tem muita folga, às vezes de domingo a terça, então aproveitei muito para viajar. Pegava um avião e dava um pulo em Barcelona, Paris, Portugal... Dei muito uma de turista.

P| E já se readaptou aos 40º C graus do verão carioca?

R| Está muito quente! Não só eu, todo mundo que trabalha na rua, em lugares abertos, está sofrendo com esse calor. Mas eu sou de Bangu, estou conseguindo tirar de letra.

P| Você está solteiro no Rio?

R| Não, não gosto de ficar solteiro. Hoje tenho uma companheira de verdade, a Lene [Lucilene, sua noiva], uma pessoa que está do meu lado para o que der e vier. Já aproveitei bastante a vida, mas quero tranquilidade. Deixa pros mais novos.

P| Do que sentia mais falta? Do pagode?

R| Além da família, eu sentia muita falta da resenha.

P| Fica sempre um temor de que a vida noturna carioca prejudique seu desempenho e o de Ronaldinho...

R| Sei que tem esse temor. Mas não temo essa cobrança, porque hoje eu tô muito mais cabeça, mais tranquilo. Aqui tem o pagode e o funk, que eu gosto muito, mas tudo tem hora certa. E em véspera de folga eu vou querer sair, sim, curtir meu pagode, tomar minha cerveja, e não vejo problema nisso. Mas dependo do meu corpo para jogar, não vou abusar.

P| A maioria dos jogadores chega da Europa reclamando do excesso de concentração no Brasil. Você se incomoda?

R| Para falar a verdade, sinto até falta da concentração. Não é aquela coisa que eu gosto de concentrar dois

© 1 FOTO VIPCOMM © 2 FOTO PIER GIAVELLI

dias antes, não. Mas acabar o treino da véspera e ir concentrar é legal, porque a gente dá risada, brinca, zoa, resenha, dorme, descansa... Lá na Rússia, nos últimos tempos, me desgastei. Não tinha ninguém para conversar, ninguém para me comunicar. Aí combinei que não concentrava. Vai da responsabilidade de cada um, eu ficava em casa quieto e no dia seguinte jogava, e jogava bem. Aqui é diferente, sinto falta da resenha.

P| Você e Ronaldinho são grandes amigos. Mas acha que, dentro de campo, o entendimento vai vir fácil? E o entrosamento com Deivid?

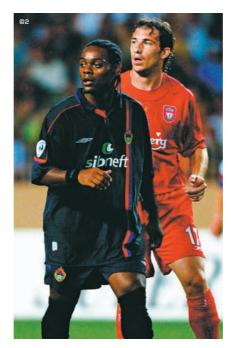
R| Eu e ele [Ronaldinho] havíamos jogado juntos umas duas vezes só, na seleção. Mas acho que vai ser fácil, porque ele é inteligentíssimo, pensa muito na frente da maioria dos jogadores. E o Deivid provou nos clubes em que ele passou, no Santos, Cruzeiro, Corinthians, que tem muita qualidade, fez gols, deu passes.

P| Em 2010 você passou seis meses marcantes no Flamengo: foi o artilheiro do Estadual, com 15 gols. Qual é sua expectativa para essa volta?

R| Tentar melhorar essa marca e aumentar minha média de gols. Gosto de desafios, de conquistar objetivos.

P| Você ensaiou várias voltas ao Brasil, algumas bem-sucedidas, outras nem tanto – como no caso do Corinthians. Dava a impressão de que você já foi para a Europa louco para voltar. Isso de fato ocorreu?

R| Não. Isso foi só a partir de 2009. Até lá, não queria voltar. Em 2009 eu senti que precisava respirar, tinha problemas particulares para resolver. Fui para o Palmeiras, houve um problema comigo e a torcida e vim para o Flamengo, aí foi aquele amor todo. Depois, voltei para a Rússia, em 2010, fazendo gols, feliz. O time estava em sexto; ajudei a terminar em segundo e a conquistar uma vaga para a Liga dos Campeões. Mas de um ano

©2

Na Rússia, não tinha ninguém para conversar. Aí combinei que não concentrava. Ficava em casa, mas com saudade da resenha

para cá foi desgastando, fui perdendo o tesão. Falei: "Presidente, não dá mais. O Vágner que esteve aqui esses anos todos não vai mais existir se eu ficar". Cheguei a querer ir embora e não voltar, mas meu lado profissional me segurava. Ele viu que não tinha condições de ficar e me deixou seguir meu caminho.

P| E aquele Vágner voltou a existir?

R| Ah, voltou no momento em que assinei contrato com o Flamengo. Aliás, no dia em que assinei a rescisão na Rússia. Era aniversário da minha mãe. Liguei e disse: "Mãe, parabéns! O presente da senhora é este: seu filho está voltando!"

P| Na passagem anterior, você formou a dupla Império do Amor com o Adriano. Acredita que ele possa recuperar a forma?

R| Na época questionavam se a dupla ia dar certo ou não, mas fizemos gols, demos alegria à torcida. Não conseguimos um título, mas demos alegrias. Torço para que o Adriano retome sua carreira, que ele volte a ser o Imperador que ele sempre foi.

P| Acha que atrapalhou para você não ter sido transferido para um centro mais importante, como Inglaterra e Espanha?

R| Antes de eu ir à Rússia, se eu ficasse um pouco mais aqui e esperasse outra proposta? Olha, eu até tentei. Estava bem, tinha sido artilheiro do Paulista. Na época que veio a proposta do CSKA eu quis ficar, esperar, pedi aumento ao presidente do Palmeiras, ele não deu. Pensei na minha família, vi que ela precisava de mim e decidi ir para a Rússia. Era um menino de 19 anos querendo ajudar a família. A gente nunca sabe: uma hora você está bem, na outra – tem uma lesão, cai o rendimento... Futebol é momento, e naquele momento eu tive que ir para a Rússia.

P| Você assinou até o fim de 2015, quando estará com 31 anos. Pensa em renovar, continuar no clube de coração e encerrar a carreira na Gávea? Ou ainda quer jogar na Europa, em um país de clima mais ameno e de futebol com mais visibilidade?

R| Não quero pensar em daqui a quatro anos, não. Quero ir passo a passo, dia a dia, semana a semana, mês a mês. Já tive vontade de jogar em outros centros da Europa, hoje já não sei. Vai depender muito do que eu fizer no Flamengo. Pode ser que surja uma possibilidade, mas nem sei se vou querer ir ou não.

O herdeiro do trono

APESAR DAS LESÕES, **LUIS FABIANO** CONFIA EM SUA REDENÇÃO NO SÃO PAULO E JÁ ASSUME A BRONCA COMO SUCESSOR DA BRAÇADEIRA DE ROGÉRIO CENI

POR BREILLER PIRES

O Fabuloso está incomodado. O São Paulo pagou 20 milhões de reais ao Sevilla para repatriá-lo no ano passado, mas o atacante ainda não se encontrou. Foram sete meses de molho; uma lesão no joelho direito, duas cirurgias e dias intensos de fisioterapia.

Luis Fabiano não contém a ansiedade para reviver a fase que o consagrou no tricolor. Entre 2001 e 2004, ele anotou 118 gols pelo clube. A inquietude é flagrante em seu traço e em suas palavras. Durante uma hora de entrevista à PLACAR, ele se retorce na cadeira e gesticula insistentemente com as mãos. Parece querer levantar e correr para um dos campos do CT do São Paulo enquanto revela seus planos para a temporada.

Capitão do time até Rogério Ceni se recuperar de lesão no ombro, Luis Fabiano é perfeccionista. Repara – e alfineta – os mínimos detalhes do novo uniforme são-paulino, exige solidariedade e empenho dos colegas nos jogos, cobra atitude. Autêntico, também não teme cornetar os rivais. “Neymar ainda não é isso tudo”, afirma, taxativo, “ele só vai provar alguma coisa na Europa. Lá, você dribla um, vem outro e te levanta. Bom é o Messi, que faz o que faz na Champions.” O Fabuloso voltou, de sola.

P| Quase um ano após voltar ao São Paulo, como você avalia seu desempenho pelo clube?

R| Não era o que eu esperava. Esperava ter jogado mais no ano passado e não ter de operar duas vezes. Daqui para a frente eu espero muito mais. Quero jogar, fazer gols e voltar a ser eu mesmo.

P| Os sete meses parado foram a maior tristeza da sua carreira?

R| A maior tristeza, não. Passei por um momento mais complicado no Sevilla, que foi a morte de um companheiro [Antonio Puerta, vítima de um ataque cardíaco em 2007]. Mas, em termos de lesão, essa foi a pior.

P| Pelo alto valor investido na sua contratação, você se sentiu pressionado para voltar logo?

R| Cheguei a um clube em que sou querido por todos. O presidente [Juvenal Juvêncio] passava ali [na sala de fisioterapia] e falava: “Não se preocupa! Pode levar seis meses ou um ano que o São Paulo vai estar contigo. Você só volta quando estiver bem”. O clube confiou em mim.

P| A recuperação demorada o desanimou em algum momento?

R| Quando eu fiz o teste para jogar [contra o Goiás, pela Copa do Brasil] e não passei, foi o momento mais duro. Bateu desânimo e pensei em muita coisa ruim: “De novo? Será que vou conseguir voltar a ser eu mesmo?” Voltar a jogar, com os recursos que existem hoje, eu sabia que voltaria. Mas tive dúvida se poderia voltar bem, em alto nível. Foi o dia em que tomei uma decisão. Não sou médico, mas fui ao doutor e disse: “Se tiver de operar, vamos operar. Não dá mais!”

P| Você ficou magoado com as comparações com o Adriano?

R| O que me chateou não foi o marketing sobre nossa volta ao Brasil para promover a rivalidade com o Corinthians. Eu não estava 100%, e pessoas da imprensa fizeram brincadeiras de mau gosto, como charges e coisas do tipo. Brincaram com minha saúde, não com o atleta.

P| Bateu uma apreensão ao machucar a coxa direita contra o São Caetano em janeiro?

R| Bateu porque eu senti uma fisgada na perna que doeu muito. Pensei que era mais grave. Mas todo mundo está sujeito a uma contratura leve. É normal, depois de pré-temporada. No meu caso, eu ainda tenho músculos costurados, com fibrose. Até minha musculatura se adaptar ao novo sistema que fizeram depois da última cirurgia, às vezes vou sentir dores e incômodos.

P| O jejum de três anos sem títulos do São Paulo aumentou a pressão em cima de você?

R| Mais uma vez estou no São Paulo com o ambiente de pressão, que sempre existe. Mesmo tendo ganhado o Brasileiro, o Corinthians vive uma pressão danada, porque a Li-

Não posso virar para o Fernandinho e dizer que ele é igual a mim, mas a disposição tem que ser a mesma. É preciso pelo menos tentar ser guerreiro

bertadores é o sonho deles. Estou acostumado, preparado e calejado para lidar com cobrança. Já passei por coisa muito pior. Na seleção, a pressão é mil vezes maior que no São Paulo. Eu tenho 31 anos, mas tem jogador de 18 no time. Eles não assimilam tão bem essa pressão.

P| Este ano é o Rogério Ceni quem está afastado. Ser capitão do time estava nos seus planos?

R| Naturalmente vai haver a sucessão de comando. O Rogério tem mais um ano de contrato, eu tenho três. Ele vai se aposentar, e eu vou ser o cara da liderança. Hoje ele não está no time e eu já encaro toda a responsabilidade. Tento ajudar à minha maneira, do jeito que eu sou.

P| Sua influência no grupo já é tão marcante quanto a do Ceni?

R| Meu negócio é não inventar. Tenho boa relação com a diretoria e com o Juvenal, troco ideias, mas não exponho tudo que eu penso. Às vezes, é melhor ficar quieto que falar. Cada um tem seu jeito. O Rogério tem sua personalidade, eu tenho a minha. Ser capitão não é só colocar a faixa e se impor. O grupo precisa me adotar como líder. E isso aconteceu desde que eu cheguei aqui.

P| O São Paulo decepcionou em 2011 e o elenco foi reformulado. A postura da equipe em campo também mudou?

R| O ano passado serviu como lição. A torcida cobrou, e havia mesmo a necessidade de uma mudança de atitude. O treinador também exige isso. Jogador que estivesse aqui a passeio não ia jogar, porque o Leão tira mesmo. A diretoria não ia aceitar aquela tranquilidade do ano passado, aquela coisa de "tá tudo bom, tá tudo legal". Não pode ser assim.

P| Vocês se acomodaram?

R| O time do ano passado foi bem apático. Tinha jogador com contrato acabando, que estava com a cabeça longe. Cada um fazia o que queria e tinha seus próprios interesses. Outros vinham insatisfeitos por não estar jogando. Quando todo mundo não tem um objetivo em comum, é impossível ganhar título.

> Vai haver sucessão. O Rogério *[Ceni]* tem mais um ano de contrato, eu tenho três. Ele vai se aposentar, e eu serei o cara da liderança

P| Em uma preleção, você disse aos jogadores para não confundirem alegria com "inhaca". Foi essa a impressão que o time de 2011 deixou?

R| Às vezes, você tem que falar certas palavras para o jogador entender. É preciso ter alegria, mas, dentro do campo, o time tem de correr, lutar, ser competitivo [impostando a voz]. Foi isso que eu aprendi na Europa [bate repetidamente a mão direita sobre a esquerda espalmada, como um golpe de caratê]. Nos treinos, quando os brasileiros se juntavam, o treinador chegava e mandava parar com aquele negócio de "ri, ri, rá, rá" e falava mesmo: "Aqui é seriedade!" É isso que eu – e o Rogério também – estamos tentando mudar neste ano.

P| Mas você ainda reclama do individualismo da equipe...

R| Isso a gente vai acertando. A tendência é melhorar. Se o jogador não toca a bola uma, duas, três vezes, não é normal. Já comecei a cobrar isso do Lucas, do Fernandinho... Reclamei com eles. O Fernandinho é meu chegado e tive liberdade pra falar: "Fernandinho, quando você chegar no fundo, cruza pra trás". Ele passou a cruzar e deu certo.

P| Antes de selar seu retorno ao São Paulo, o que faltou para você fechar com o Corinthians?

R| Faltou minha vontade. Esperei a proposta do São Paulo porque eu tinha certeza de que iriam fazer alguma coisa. Não me via jogando por outro clube no Brasil.

P| O valor oferecido pelo Corinthians era bem maior...

R| Foi uma das melhores propostas que eu já tive, com salário comparável ao de grandes times europeus.

P| E hora nenhuma essa investida o sensibilizou?

R| Eu nem parei pra pensar. A partir do momento em que você cogita a possibilidade, o dinheiro fala mais alto na sua vida. Nunca me vi com a camisa do Corinthians. Na Copa da África, o Andrés Sanchez disse que iria me levar. Se eu quisesse, era só falar "então tá bom, eu vou". Mas não seria legal nem para mim nem para o Corinthians. No primeiro gol perdido, já iriam pegar no pé. Imaginou? Sou um cara marcado com a camisa do São Paulo.

P| A recepção dos são-paulinos no Morumbi apagou a mágoa por terem te chamado de pipoqueiro em 2004?

© 1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI © 2 FOTO RENATO PIZZUTTO

R| Isso aí está enterrado há muito tempo. Saí magoado com parte da torcida, uma minoria que fez aquilo comigo. Quando o cara é pipoqueiro, não consegue fazer nem dez gols, vai pipocar. Eu fui artilheiro em todos os campeonatos que disputei com a camisa do São Paulo. Mas a torcida estava há muito tempo sem títulos e queria cobrar de alguém a perda da Libertadores. E cobrou daquele jeito lamentável. Até hoje eu não agrado 100% da torcida do São Paulo. Mas agora está tudo superado.

P| A declaração após o jogo contra o River Plate em 2003, dizendo que, entre bater pênalti e ajudar na briga com argentino, você preferia ajudar...

R| Na briga! [Interrompe, sorrindo]

P| Foi um episódio que poderia ter queimado seu filme com a torcida, mas os são-paulinos o idolatraram depois disso...

R| Pois é... [risos] Mas esse não é o motivo de eu ter me tornado ídolo. Hoje eu não falaria aquilo. É um estímulo à violência. Mas era o que eu pensava naquele momento. Estava com o sangue quente, fui pra briga mesmo e ajudei os companheiros da maneira que eu pude. Não me arrependo.

P| Você acha que seu jeitão "maloqueiro" ajudou a mudar o perfil da torcida do São Paulo?

R| O clube não pode ter só torcida de rico, da nata. O Corinthians fala que é "favela, favela, favela", mas não tem só torcedor de lá. Para o time crescer, tem que ser com o povão mesmo, geral. As pessoas se identificam com meu jeito, com minha história de vida, e passam a ter proximidade com o São Paulo. Contar com um personagem no time diferente dos ídolos bonitinhos que surgiram antes, como Kaká e Raí, ajuda, né?

P| E hoje, o que você pensa sobre os argentinos?

R| Com provocação, eles às vezes conseguem arrumar confusão e uma expulsão do adversário. Na época da Libertadores, eu tinha 20 anos e re-

Não tenho nenhuma vontade de jogar no Corinthians. Na Copa da África, o Andrés Sanchez disse que iria me levar. Mas eu nem parei pra pensar

vidava. Mas, pela seleção, no jogo das Eliminatórias em 2009, eles fizeram a mesma coisa. Catimbaram, falaram um monte de besteira, pisaram no meu pé dentro da área... Aí tomaram de três lá em Rosário, fora o chocolate, e eu não fui expulso.

P| Qual fator foi decisivo para mudar seu temperamento?

R| Com o tempo, aprendi a me controlar. Sou o mesmo jogador, luto e brigo por todas as bolas. Mas, na hora de revidar – e eu revidava –, de reclamar – e eu reclamava – ou de dar uma chegadinha, penso antes e evito. Hoje eu também não reclamo com juiz. Tento conversar e levar na boa. Essa é a diferença.

P| No ano passado, você tomou uma suspensão por cartão amarelo e o Leão ficou bravo...

R| No Brasil, os árbitros não aceitam conversa. É diferente da Europa. Qualquer coisinha é cartão amarelo.

P| Para a arbitragem, ficou a imagem do Luis Fabiano mal comportado de 2003?

R| Pode ser, pode ser... A imagem que ficou era ruim. Mas, como capitão, venho sendo bem recebido pelos árbitros. Teve um jogo em que eu sofri falta, o juiz não deu, mas me pediu desculpas depois. Respondi pra ele: "Tá beleza, todo mundo erra".

P| Este é o ano para você provar que ainda pode ser o camisa 9 da seleção em 2014?

R| Não é meu grande objetivo. Eu não preciso mostrar mais nada para ninguém. Já fui para a seleção, ganhei Copa América e Copa das Confederações, disputei Copa do Mundo... Não tenho muito que provar. Tenho é que fazer meu trabalho no São Paulo, marcar gols e ganhar títulos para, aí sim, ver se pinta outra oportunidade na seleção. Tem que acontecer naturalmente.

P| A seleção não é prioridade?

R| Vontade de voltar à seleção eu tenho. Mas não posso ficar martelando que vou voltar e me esquecer de jogar pelo São Paulo. Primeiro, vou mostrar no clube que sou eu mesmo, que estou bem.

P| Por ter jogado pouco em 2011, esta não é uma temporada crucial para sua carreira?

R| É um ano importante para eu ter sequência de jogos e ganhar títulos. Mas não é um ano-chave. Tenho mais três anos de contrato [fala grosso, demonstrando irritação]. Não existe desespero aqui. Ano passado foi ruim? Foi. Este ano tem que ser melhor? Tem! Mas vamos com calma. Tenho muito tempo ainda.

O Perigo Louro

MÁRIO PEREIRA, SANTISTA NATO, AJUDOU O TIME DO CORAÇÃO EM SUA PRIMEIRA GRANDE CONQUISTA. APESAR DA CARREIRA CURTÍSSIMA, VIROU ÍDOLO

POR DAGOMIR MARQUEZI

Mário Pereira nasceu em Santos no dia 4 de abril de 1914, poucos dias antes de o Santos Futebol Clube completar 2 anos. O clube e o bebê de cabelos claros não sabiam, mas o destino ligaria um ao outro por quase 100 anos. Sem exagero. Em 1935, Mário Pereira foi para a Vila Belmiro e deu início a essa história. Ele tinha 21 anos, cara de bebê e agilidade na área adversária. Por causa do cabelo e da habilidade, passou a ser conhecido como "O Perigo Louro".

E já no mesmo ano da estreia ele conheceria sua maior e definitiva glória nos campos. A verdade é que, até 1935, o Santos não tinha nenhum título importante. Já era um time grande, mas faltava uma primeira taça na vazia sala de troféus da Vila Belmiro. Após um começo meio perdido, o Peixe chegou à final do Campeonato Paulista daquele ano contra o Corinthians. Precisava só de um empate, mas havia desconfiança com a arbitragem. Os santistas estavam mordidos com a vitória dos mosqueteiros na final de 1927, em que a parcialidade do juiz teria sido decisiva. No dia 17 de novembro de 1935, lotaram os trens e subiram a serra do Mar para apoiar o time. Alguns malucos levavam galões de gasolina. "Se roubarem o Santos de novo, botamos fogo na Fazendinha."

Perigo Louro: ele parou aos 24 anos

Não foi preciso acender o fósforo. O Santos ganhou de 2 x 0 com gols de Araken Patusca e Raul Cabral Guedes. A primeira taça estava na estante. Mário Pereira ainda veria o Peixe ganhar mais 18 vezes o Paulista. Fora o resto. Mas nunca em campo. O "Perigo Louro" teve uma carreira curtíssima, brecada pela truculência dos beques adversários. No total, jogou apenas 41 vezes e marcou 21 gols. Foram somente dois anos produtivos, 1935 e 1936. Ficou tão detonado que participou de apenas um jogo em 1937 e outro em 1938. Fim de carreira aos 24 anos. A grande cicatriz no joelho esquerdo era para sempre.

Quis o destino – e sua boa saúde – que ele jogasse pouco e vivesse muito. Virou o símbolo vivo da primeira conquista, uma figura histórica em seu próprio tempo. Em janeiro de 2011, foi homenageado no Memorial das Conquistas do Peixe. O também meia-direita Pelé apareceu de surpresa e os dois tiraram fotos com a bola da conquista do primeiro título. O ídolo de 1935 não perdia uma partida do seu Peixe, que assistia pela TV paga. Para "se acalmar" nos dias de jogo, colocava os pés e as mãos em bacias com água.

Mário Pereira já estava escalado para participar como símbolo histórico das comemorações do centenário do Santos Futebol Clube, em 2012. Porém, aos 44 do segundo tempo, no dia 31 de dezembro de 2011, com 97 anos, o "Perigo Louro" saiu de campo. Viveu o suficiente para ver seu time ganhar o primeiro título, conquistar o mundo, decair, sobreviver, se levantar, criar uma nova geração de ídolos e levar a terceira Libertadores da América para a estante que ele ajudou a inaugurar.